



A cristianização da missão de

JOÃO BATISTA

O rebaixamento da figura do Batista como
consequência do soerguimento da figura de Jesus

João Henrique Magalhães da Silva



Está cristalizado na tradição cristã a ideia de que João Batista é o precursor de Jesus (Messias esperado), tendo como missão preparar o seu caminho. Porém, até se consolidar essa ideia houve algumas dúvidas quanto ao papel de um e de outro (cf. Mt 11,3). Nesta construção teológica pode-se destacar o evangelista Lucas, que se esforça em aproximar as duas figuras antes mesmo de seus nascimentos (cf. Lc 1,25.36). E João, que em seu evangelho trata de apontar Jesus como Cordeiro de Deus e de negar que o Batista fosse o Messias, com a intenção de extirpar divergências em sua comunidade, entre os discípulos de João Batista e de Jesus (cf. Jo 1,6-8). João Batista é o profeta do Segundo Testamento, que rompeu com a tradição religiosa corrompida de seu tempo. Ao se dirigir para o deserto pregando a conversão e a purificação, atraiu para si uma multidão, dentro dela estava o desconhecido Jesus de Nazaré, que por um tempo foi discípulo de João, para depois então desempenhar ministério próprio. O livro apresenta a relação entre os dois personagens, apontando algumas lacunas, questões ainda não tão bem resolvidas sobre a relação entre os dois, que ainda proporcionam reflexões em estudos teológicos.

João Henrique Magalhães da Silva nasceu em Vazante, noroeste de Minas Gerais em 1985. Graduado em Filosofia pelo Instituto de Ciências Sociais e Humanas (ICSH) do Centro de Estudos Superiores do Brasil (CESB). Graduado em História pelo Centro Universitário Claretiano. Graduado em Teologia pelo Seminário Maior Arquidiocesano Imaculado Coração de Maria (SMICM - Montes Claros). É professor de Filosofia e Sociologia.



editora fi
www.editorafi.org



A CRISTIANIZAÇÃO
DA MISSÃO DE
JOÃO BATISTA

Direção Editorial

Lucas Fontella Margoni

Comitê Científico

Prof. MSc. Raimundo Donato -
SEMINÁRIO ARQUIDIOCESANO DE MONTES CLAROS

Prof. Dr. Dorival Souza Barreto Júnior
UNIMONTES

Prof. MSc. Adilson Ramos de Melo -
SEMINÁRIO ARQUIDIOCESANO DE MONTES CLAROS

A CRISTIANIZAÇÃO DA MISSÃO DE JOÃO BATISTA

O rebaixamento da figura do Batista como
consequência do soerguimento da figura de Jesus

João Henrique Magalhães da Silva

φ editora fi

Diagramação e capa: Lucas Fontella Margoni

Arte de capa: Bartolomé Esteban Murillo, 1617-1682

O padrão ortográfico, o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas do autor. Da mesma forma, o conteúdo da obra é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu autor.



Todos os livros publicados pela Editora Fi estão sob os direitos da Creative Commons 4.0 https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



<http://www.abecbrasil.org.br>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

SILVA, João Henrique Magalhães da.

A cristianização da missão de João Batista: o rebaixamento da figura do Batista como consequência do soerguimento da figura de Jesus [recurso eletrônico] / João Henrique Magalhães da Silva - Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2017.

109 p.

ISBN - 978-85-5696-226-3

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Jesus, 2. João Batista, 3. cristianismo, 4. missão, 5. Deus.. I. Título.

CDD-200

Índices para catálogo sistemático:
Teologia 200

É preciso, pois, que toda a pregação eclesial, assim como a própria religião cristã, seja alimentada e regida pela Sagrada Escritura. Com efeito, nos livros sagrados, o Pai que está nos céus vem amorosamente ao encontro de Seus filhos, a conversar com eles; e é tão grande a força e a virtude da palavra de Deus que se torna o apoio vigoroso da Igreja, solidez da fé para os filhos da Igreja, alimento da alma, fonte pura e perene de vida espiritual. Por isso se devem aplicar por excelência à Sagrada Escritura as palavras: “A palavra de Deus é viva e eficaz” (Hb 4,12), “capaz de edificar e dar a herança a todos os santificados”, (At 20,32; cf. 1 Ts 2,13) (DV 21).

APRESENTAÇÃO

O João Henrique, a quem tive a grata satisfação em acompanhar neste trabalho científico, se entusiasmou pela figura de João Batista, que no dizer do próprio Jesus “é o maior nascido de mulher” (Mt 11,11; Lc 7,28). Ele constitui o fim de uma época e o início duma outra, o ponto de encontro na história do mundo: é o último profeta do Antigo Testamento e o que iniciou o Novo apresentando Jesus como o Messias esperado.

Este trabalho não tem a pretensão de trazer todas as respostas ou de esgotar o assunto ou a problemática em torno da figura do Batista, mas quer, tão somente, lançar luzes à reflexão bíblico-teológica acerca desta figura tão singular que se tornou “o precursor” de Jesus.

A pesquisa parte da constatação de que ao longo da caminhada das primeiras comunidades cristãs a figura do Batista foi aos poucos cedendo lugar à figura de Jesus. Para elucidar melhor a pessoa de João Batista, o autor perscruta os Santos Padres, o Magistério da Igreja e a Sagrada Escritura em busca de afirmações sólidas e consistentes a respeito do Batista.

Na sua origem, João arrebanhava multidões, com o passar do tempo vai desaparecendo a figura do precursor e entra em cena a figura de Jesus. A impressão que se tem é que houve uma “cristianização” da missão de João Batista por parte dos primeiros cristãos. É este o fio condutor que perpassa toda a presente pesquisa.

O trabalho tem pertinência e méritos, pois, o ministério de João Batista fornece uma chave de leitura para se entender o ministério de Jesus. Sem João Batista, nosso conhecimento acerca de Jesus seria mais pobre e reduzido. Sem entender a missão do Batista dificilmente se poderá entender a missão de Jesus e sua mensagem salvadora.

Faço votos que este trabalho sirva como ponte para o aprofundamento do tema em outras pesquisas que o autor e demais pesquisadores forem realizar em futuros estudos e especializações.

Pe. Raimundo Donato

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
------------------	----

CAPÍTULO 1	15
------------------	----

REFLEXÕES SOBRE A FIGURA DE JOÃO BATISTA

1.1 Patrística	15
1.1.1 <i>Justino de Roma</i> (± 100 - 165)	16
1.1.2 <i>Eusébio de Cesareia</i> (± 265 - ± 339-340)	16
1.1.3 <i>Agostinho de Hipona</i> (354 - 430)	18
1.2 Escolástica	19
1.2.1 <i>Tomás de Aquino</i> (1225 - 1274)	20
1.3 Magistério da Igreja	21
1.3.1 <i>João XXIII</i> (1881 - 1963)	22
1.3.2 <i>João Paulo II</i> (1920 - 2005)	23
1.3.3 <i>Francisco</i> (1936 - ...)	24
1.4 Teólogos da atualidade	25
1.4.1 <i>Juan Luis Segundo</i> (1925 - 1996)	26
1.4.2 <i>Geza Vermes</i> (1924 - 2013)	28
1.4.3 <i>Joseph Ratzinger</i> (1927 - ...)	30
1.5 Conclusão	31

CAPÍTULO 2	34
------------------	----

JOÃO BATISTA NA TRADIÇÃO EVANGÉLICA

2.1 Evangelhos sinópticos	34
2.1.1 <i>Marcos</i>	34
2.1.2 <i>Mateus</i>	39
2.1.3 <i>Lucas</i>	43
2.2 Fonte “Quelle”	49
2.3 Evangelho de João	52
2.3.1 <i>O Batismo de Jesus e a missão de João Batista</i>	52
2.3.2 <i>Discípulos de Jesus</i>	54
2.3.3 <i>Cordeiro de Deus</i>	55
2.3.4 <i>Conflito entre seus seguidores</i>	56
2.4 Conclusão	57

CAPÍTULO 3	59
A MISSÃO DE JESUS COMO CONTINUIDADE E DESCONTINUIDADE COM A MISSÃO DO BATISTA	
3.1 Reino de YHWH/ Reino dos Céus.....	59
3.2 As Concepções messiânicas	66
3.3 Jesus: um profeta itinerante autônomo.....	73
3.4 Conclusão	76
CAPÍTULO 4	80
Incógnitas na relação entre João Batista e Jesus	
4.2 Jesus discípulo de João Batista.....	88
4.3 Parentesco entre João Batista e Jesus.....	91
4.4 Conclusão	96
CONCLUSÃO	100
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	103

INTRODUÇÃO

Entre o outono do ano 27 e a primavera do ano 28, surgiu na Palestina um profeta original e autônomo, que provocou um forte impacto em todo o povo. Seu nome era João, mas ficou conhecido como [ὁ] βαπτίζων – [o] “Batizador”, pelo fato de praticar um rito inusitado e surpreendente nas águas do Jordão. Sem dúvida, foi a pessoa que marcou, como ninguém a trajetória de Jesus.¹

O batismo de Jesus, por volta do ano 28, significou um momento fundamental em sua vida: uma mudança radical. Antes de ser batizado por João, Jesus era um desconhecido carpinteiro. O batismo, então, foi o único sinal histórico externo, que comprova essa mudança na vida de Jesus, a qual pode ser considerada uma “conversão”.²

Foi a partir desse acontecimento (o batismo no rio Jordão) que Jesus aparece na história. Esse evento marcante em sua vida foi a centelha que o impulsionou, para que ele desenvolvesse sua própria missão, não abandonando, totalmente, os princípios de seu mestre João Batista; mas, ao mesmo tempo, dando características próprias à sua missão autônoma e itinerante.

Esta pesquisa pretende, então, analisar a relação existente entre a missão de João Batista e a missão de Jesus. Para isso, no primeiro capítulo, far-se-á uma investigação da figura do Batista ao longo da história do pensamento cristão, iniciando pela Patrística, onde serão analisados os pensamentos de Justino de Roma, Eusébio de Cesareia e Agostinho de Hipona; avançando até a Escolástica, com o pensamento de Tomás de Aquino; depois pelo Magistério da Igreja, com as reflexões dos papas João XXIII, João Paulo II e Francisco; chegando à reflexão dos teólogos da atualidade, representados por Juan Luis Segundo, Geza Vermes e Joseph Ratzinger.

¹ Cf. PAGOLA, José Antonio. *Jesús Aproximación Histórica*. Madrid: PPC, 2007, p. 64.

² Cf. MEIER, Jhon P.. *Un Judío Marginal: Nueva visión del Jesús histórico*. Pamplona (Navarra): Verbo Divino, 1999, p. 150. Tomo II/1.

Posteriormente, no segundo capítulo, será realizada uma pesquisa nos escritos da tradição cristã – evangelhos sinópticos (Marcos, Mateus e Lucas), na hipotética fonte *Quelle* e no evangelho de João. Buscar-se-á analisar a relação entre João Batista e Jesus, em alguns pontos destes escritos, para buscar compreender a *cristianização* da missão do Batista, e o que contribuiu para que essa *cristianização* ocorresse.

No terceiro capítulo, analisar-se-á a missão de João Batista e Jesus, com o intuito de refletir sobre a continuidade e descontinuidade entre eles. Esse estudo será fundamentado em dois aspectos: o reino de YHWH e a concepção de messias. Essas questões foram importantes tanto para João Batista, quanto para Jesus. Estes dois aspectos demonstram certa concordância e ao mesmo tempo disparidade, entre as concepções deles, até que Jesus se torna independente do Batista, desempenhando sua missão própria, como um profeta itinerante e autônomo.

E por fim, no quarto capítulo, demonstrar-se-á o resultado de elucubrações sobre questões que parecem cristalizadas pela doutrina cristã, mas que ainda “dão o que pensar”: As brechas existentes nos próprios escritos cristãos, no que se refere ao batismo recebido por Jesus, a possibilidade de que Jesus tenha sido discípulo de João Batista e o questionamento sobre o grau de parentesco existente entre o Batista e Jesus, inspiram ainda indagações.

É importante ressaltar que este trabalho não tem a intenção e nem a pretensão de anular a pessoa e missão de Jesus em detrimento ao Batista. Nem tampouco de elevar a missão batista de forma independente da missão de Jesus. Pelo contrário, faz-se necessário dar a importância devida ao Batista, não o tratando como um mero precursor ou testemunha de Jesus, mas como aquele que também foi mestre e ponto de partida para a missão jesuânica, procurando enxergar a sua colaboração para a História da Salvação, pois foi o impulso para a posterior atividade autônoma de Jesus.

CAPÍTULO 1

REFLEXÕES SOBRE A FIGURA DE JOÃO BATISTA

Para iniciar a reflexão sobre a figura de João Batista, neste primeiro capítulo faremos uma investigação desde a Patrística, passando pela Escolástica e o Magistério da Igreja até chegar ao pensamento dos teólogos da atualidade.

1.1 Patrística

Em sua origem, o termo “Patrística” era um adjetivo relacionado à teologia. Surgiu no século XVII, entre teólogos luteranos e católicos, que procuraram distinguir a teologia em: bíblica, patrística, escolástica, simbólica e especulativa. Hoje, o termo é entendido como o estudo das ideias e das doutrinas, mais do que o aspecto filológico e literário.¹

A P. [Patrística] costuma ser dividida em três períodos. O *primeiro*, que vai mais ou menos até o séc. III, é dedicado à defesa do Cristianismo contra seus adversários pagãos e gnósticos [...]. O *segundo* período, que vai do séc. III até aproximadamente a metade do séc. IV, é caracterizado pela formulação doutrinal das crenças cristãs; é o período dos primeiros grandes sistemas de filosofia cristã [...]. O *terceiro* período, que vai da metade do séc. V até o fim do séc. VIII, é caracterizado pela reelaboração e pela sistematização das doutrinas já formuladas, bem como pela ausência de formulações originais.²

Para demonstrar este período, retrataremos, a seguir, a ideia de três representantes dessa corrente de pensamento, no que diz respeito à reflexão sobre a figura de João Batista. Essas ideias têm influência ainda na atualidade, na forma de enxergar a figura e função do Batista.

¹ Cf. HAMMAN, A. Patrologia-Patrística. In: BERARDINO, Angelo Di. *Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs*. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulus, 2002, p. 1103.

² ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 746.

1.1.1 Justino de Roma (± 100 – 165)

Em seu diálogo com Trifão, Justino argumenta sobre João Batista como precursor de Jesus. Para ele o Espírito de Deus se manifestou e precedeu Jesus, como arauto, que esteve em Elias e também em João, o último dos profetas.³ Para Justino, o Elias que havia de vir era o Batista (cf. Ml 4,5-6; Lc 1,17), “da mesma forma que, estando Moisés ainda entre os homens, Deus transferiu sobre Josué parte do Espírito que nele estava (cf. Nm 27,18-20), assim também pôde fazer que de Elias o Espírito passasse para João”⁴, mas o Batista não foi compreendido e foi morto (cf. Mt 17,11-13).

Justino utiliza a profecia de Isaías (cf. Is 40,1-17) para afirmar que João Batista deveria preceder a Jesus Cristo. Jesus se apresentou a João, que ainda se encontrava no rio Jordão para pôr fim à sua missão profética e ao seu batismo, e foi ele próprio quem deu início ao anúncio da Boa-Nova (cf. Mt 4,17).⁵ Finalizando o *Diálogo com Trifão* a respeito do Batista, Justino ainda reafirma, baseando-se na Sagrada Escritura, que João Batista é Elias que devia vir (cf. Mt 11,12-15).

Desse modo, Justino enxerga João Batista como o último dos profetas, que teve como função preparar os caminhos de Jesus (cf. Is 40,3) para a posterior atividade jesuânica no anúncio da Boa-Nova.

1.1.2 Eusébio de Cesareia (± 265 – ± 339-340)

O que Eusébio de Cesareia trata a respeito de João Batista, e que está relatado em sua *História Eclesiástica*, é baseado nos

³ Cf. JUSTINO DE ROMA. *I e II Apologias/Diálogo com Trifão*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 181-182. Coleção Patrística.

⁴ JUSTINO DE ROMA, *I e II Apologias/Diálogo com Trifão*, p. 183.

⁵ Cf. JUSTINO DE ROMA, *I e II Apologias/Diálogo com Trifão*, p. 185.

escritos de Flávio Josefo.⁶ O relato é iniciado utilizando o relato bíblico do aprisionamento e decapitação de João Batista pelas mãos de Herodes, o jovem (cf. Mt 14,1-12).

Ocorreu uma grande guerra entre Herodes, o tetrarca, e Aretas, rei de Petra. Herodes desposou a filha de Aretas e vivera muito tempo com ela, porém, Herodes repudiou a filha de Aretas, que era sua esposa legítima, para viver com Herodíades, mulher de seu irmão.

Herodes perde a guerra, seu exército é massacrado. “Para alguns dos judeus parecia que o exército de Herodes foi derrotado por Deus, como punição pelo aprisionamento de João, chamado Batista”.⁷

Josefo define João como o homem mais justo naquele tempo, um homem bom, que exortava os judeus à virtude. Através do batismo purificavam o corpo, já que a alma era já purificada pela prática da justiça. Muitas pessoas acorriam a João para escutar suas palavras; porém, temendo a sua capacidade de persuasão e uma possível revolta, Herodes manda encarcerá-lo em Maqueronte.⁸

Sobre Jesus, Josefo e Eusébio dizem:

Nesse tempo, apareceu Jesus, homem sábio, se é que se pode defini-lo simplesmente como um homem, era de fato, autor de milagres. Mestre dos homens que acolheram com prazer a

⁶ JOSEFO, Flavio. *História dos Hebreus: De Abraão à queda de Jerusalém*. 8. ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2004, p. 61. Flávio Josefo foi um escritor e historiador judeu que viveu entre 37 e 103 d.C. Seu pai era sacerdote, e sua mãe descendia da casa real hasmoneana. Josefo era de sangue real. Ele foi muito bem instruído nas culturas judaica e grega. Falava perfeitamente o latim — o idioma do Império Romano — e também o grego. Demonstrou intenso zelo religioso, filiando-se ao grupo religioso dos fariseus. Durante toda a sua vida, a sua terra e o seu povo estiveram sob o domínio romano. Em 66 d.C, irrompeu uma revolta dos judeus contra os romanos, e Josefo foi enviado para dirigir as operações contra os dominadores, na turbulenta Galileia. Aí ele logrou algumas vitórias, mas logo foi derrotado, rendendo-se ao exército romano. Fimada a guerra, foi conduzido a Roma, onde lhe conferiram a cidadania romana e também uma pensão do Estado, época em que lhe foi dado o nome romano de Flávio.

⁷ EUSEBIO DI CESAREA. *Storia Ecclesiastica*. Roma: Città Nuova, 2005, p. 82. Volume I.

⁸ Cf. EUSEBIO DI CESAREA, *Storia Ecclesiastica*, p. 82.

verdade, ele conseguiu converter muitos Judeus e Gregos. Ele era o Cristo, que, em reclamação dos nossos notáveis, foi condenado a ser crucificado por Pilatos. Mas aqueles que o amavam desde o princípio não cessaram de falar dele; a estes de fato apareceu novamente vivo no terceiro dia, conforme haviam predito os profetas de Deus, que anunciaram ainda muitas outras maravilhas sobre ele. E ainda hoje existem aqueles que levam seu nome se chamando cristãos.⁹

Apesar de Eusébio referir-se a Jesus, como “nosso Salvador”, Flávio Josefo não o faz. Nas *Antiguidades Judaicas* não menciona alguma relação entre as duas figuras. Eusébio relata sobre Jesus e João, aproveitando-se dos relatos de Josefo, mas sem deixar clara uma relação entre os dois. Trata-se mais de uma tentativa de um relato histórico, sem algum pressuposto religioso.

1.1.3 Agostinho de Hipona (354 - 430)

Para falar da relação entre João Batista e Jesus, Agostinho utiliza duas alegorias: a da lâmpada e da luz, e a da voz e da palavra.

Ao dizer que o Batista é a lâmpada e Jesus é a luz, Agostinho toma como embasamento o Evangelho de João (cf. Jo 1,5-13) que diz que havia um homem que veio dar testemunho da luz, mas não era a luz, seu nome era João. Jesus diz que o Batista era uma lâmpada que arde e resplandece (cf. Jo 5,35). E “João reconheceu que era uma lâmpada, para que não o apagasse o vento da soberba. Uma lâmpada pode acender e apagar. A Palavra de Deus [Jesus] não pode se apagar, mas a lâmpada sim”.¹⁰

No que diz respeito ao paralelo voz-Palavra, Agostinho utiliza a passagem de Is 40,3 para afirmar que João Batista era a voz, amparado pelos Evangelhos que indicam o cumprimento da

⁹ EUSEBIO DI CESAREA, *Storia Ecclesiastica*, p. 82-83.

¹⁰ AGUSTÍN, San. *Sermones* (5^o) 273-338. Sermones sobre los mártires. Madrid: Católica, 1984, p. 148. *Obras Completas XXV*.

profecia de Isaías na pessoa de João.¹¹ E para dizer que Jesus era a Palavra, Agostinho se baseia no prólogo do Evangelho de João – Ἐν ἀρχῇ ἦν ὁ λόγος, καὶ ὁ λόγος ἦν πρὸς τὸν θεόν, καὶ θεὸς ἦν ὁ λόγος. οὗτος ἦν ἐν ἀρχῇ πρὸς τὸν θεόν. – *No princípio era a Palavra, e a Palavra estava junto de Deus, e a Palavra era Deus. Ela existia, no princípio, junto de Deus* (Jo 1,1-2).

“João era a voz; o Senhor, em contrapartida, a Palavra que existia no princípio. Se retira a palavra, em que se converte a voz? Quando não significa nada, é um ruído vazio. A voz sem palavra golpeia o ar, mas não edifica o coração”.¹²

Assim, pois, em mim, como no gonzo do meu coração ou na caixa forte da minha mente, minha palavra precedeu a minha voz. Antes que a voz saia da minha boca, já está presente em meu coração a palavra. Mas para que chegue até você o que eu concebi em meu coração, se requer a ajuda da voz [...]. A palavra precede a minha voz, e em mim está antes a palavra que a voz; em contrapartida, para que tu possa compreender chega antes a voz ao teu ouvido, para que a palavra penetre em sua mente. Não podeis conhecer o que havia em mim antes da voz.¹³

Para Agostinho então, João Batista tem o papel de precursor, aquele que veio para preparar os caminhos de Jesus, sendo a lâmpada que transmite a luz e a voz que transmite a Palavra. A luz e a Palavra são o próprio Jesus.

1.2 Escolástica

Em sentido amplo, Escolástica é a filosofia cristã da Idade Média. Nos primeiros séculos da Idade Média, era chamado de *scholasticus*, o professor de artes liberais e, depois, o docente de

¹¹ Os quatro Evangelhos fazem referência da “voz que clama no deserto” da profecia de Isaías sendo cumprida na pessoa de João Batista (Mt 3,3; Mc 1,2; Lc 3,4; Jo 1,23).

¹² AGUSTÍN, Sermones, p. 187-188.

¹³ AGUSTÍN, Sermones, p. 137-138.

filosofia ou teologia que lecionava primeiramente na escola do convento ou da catedral, depois na Universidade. Literalmente, Escolástica significa filosofia da escola.¹⁴

A E. [Escolástica] medieval costuma ser distinguida em três grandes períodos: 1º a alta E. [Escolástica], que vai do séc. IX ao fim do séc. XII, caracterizada pela confiança na harmonia intrínseca e substancial entre fé e razão e na coincidência de seus resultados; 2º o florescimento da E. [Escolástica], que vai de 1200 aos primeiros anos do séc. XIV, época dos grandes sistemas, em que a harmonia entre fé e razão é considerada parcial, apesar de não se considerar possível a oposição entre ambas; 3º dissolução da E. [Escolástica], que vai dos primeiros decênios do séc. XIV até o Renascimento, período em que o tema básico é a oposição entre fé e razão.¹⁵

O nome proeminente deste período é Tomás de Aquino, do qual abordaremos a visão sobre João Batista. Tomás é representante do segundo período da escolástica, que pode ser considerado áureo, visto que foi nesse período que ela adquiriu uma maior organização e sistematização, como forma de pensamento.

1.2.1 Tomás de Aquino (1225 – 1274)

Para Tomás, João Batista não perguntou pela vinda de Cristo na carne como se o ignorasse, pois havia confessado sobre Ele: *Eu vi, e por isso dou testemunho: ele é o Filho de Deus!* (Jo 1,34). Por isso, “não pergunta: *És tu o que veio?* Mas, *Es tu o que há de vir?* Inquirindo sobre algo futuro, não sobre algo passado”.¹⁶ Também, não se pode negar que João sabia que Jesus veio para

¹⁴ Cf. ABBAGNANO, Dicionário de Filosofia, p. 344.

¹⁵ ABBAGNANO, Dicionário de Filosofia, p. 344.

¹⁶ TOMÁS DE AQUINO, Santo. *Suma de Teologia III*. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 1990, p. 68. Parte II/II (a).

sofrer, já que disse: *Eis o cordeiro de Deus, aquele que tira o pecado do mundo* (cf. Jo 1,29), “anunciando, assim, sua imolação futura, já profetizada antes pelos profetas, sobretudo, em Isaías (cf. Is 53)”.¹⁷

O que se pode questionar é se realmente João Batista tinha uma noção clara sobre a missão de Jesus.

É inquestionável que João Batista entra na categoria dos maiores, e está entre os mais próximos a Cristo, já que dele diz o Senhor: *Não surgiu entre os nascidos de mulher um maior que João Batista* (Mt 11,11). Porém, não parece que João Batista conheceria explicitamente o mistério de Cristo, já que lhe dirigiu esta pergunta: *Es tu o que há de vir ou devemos esperar outro?* (Mt 11,3). Portanto, nem sequer os maiores estavam obrigados a ter fé explícita em Cristo.¹⁸

Segundo Tomás de Aquino, seguindo o exemplo de São João Crisóstomo, pode-se dizer que o Batista não fez essa pergunta por ignorância própria, mas para que Cristo desse uma satisfação concreta a seus discípulos. Por isso lhes oferece na realidade a resposta em forma de instrução para os discípulos: responde mostrando suas obras como sinais realizados (cf. Mt 11,4-6).¹⁹

1.3 Magistério da Igreja²⁰

“O múnus de interpretar autenticamente a palavra de Deus escrita ou contida na Tradição, só foi confiado ao Magistério vivo

¹⁷ TOMÁS DE AQUINO, *Suma de Teología III*, p. 68.

¹⁸ TOMÁS DE AQUINO, *Suma de Teología III*, p. 67.

¹⁹ Cf. TOMÁS DE AQUINO, *Suma de Teología III*, p. 69.

²⁰ SAARINEN, Risto. Magistério. In: LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário Crítico de Teología*. São Paulo: Paulinas; Petrópolis: Vozes, 2004, p. 1074. O termo *magisterium*, em sua significação atual foi, sobretudo introduzido pelos canonistas alemães do século XIX. Mas, propriamente falando, é preciso esperar o Concílio Vaticano I (1870-71) para ver estabelecer-se uma doutrina normativa e coerente do magistério, com a afirmação do primado jurisdicional e doutrinário do papa sobre o conjunto da Igreja, não apenas em matéria de fé e de costumes, mas também no domínio da disciplina eclesial.

da Igreja, cuja autoridade é exercida em nome de Jesus Cristo” (DV 10).²¹ Esse múnus foi confiado aos bispos em comunhão com o sucessor de Pedro, o bispo de Roma.²² “Este Magistério não está acima da palavra de Deus, mas sim ao seu serviço, ensinando apenas o que foi transmitido, enquanto, por mandato divino e com a assistência do Espírito Santo, ouve a palavra de Deus com amor, a guarda com todo o cuidado e a expõe fielmente” (DV 10).²³

“Os bispos são, efetivamente, os arautos da fé, que levam a Cristo novos discípulos; e os doutores autênticos, isto é, investidos da autoridade de Cristo, que pregam ao povo a eles confiados a fé que deve se crer e aplicar à vida” (LG 25).²⁴ O magistério ordinário e universal do Papa e dos Bispos em comunhão com ele, ensina aos fieis a verdade em que se deve crer, a caridade que se deve praticar, a felicidade que se deve esperar.²⁵

A seguir, vamos tratar sobre a reflexão de três representantes do Magistério da Igreja, do ensinamento que eles deixaram no que diz respeito à pessoa e missão de João Batista.

1.3.1 João XXIII (1881 – 1963)²⁶

O papa João XXIII considera João Batista como a primeira figura humana, com corpo e alma, proposta para nosso respeito e veneração, chamando-o de “flor solitária e tardia” de Zacarias e Isabel, chamados a preparar, por meio da voz desse filho inesperado, a mensagem celestial e o chamamento à geração

²¹ DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II, 2. ed. São Paulo: Paulus, 1997, p. 355.

²² Cf. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 11. ed. São Paulo: Loyola, 2001, p. 36. (n. 85).

²³ DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II, p. 355.

²⁴ DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II, p. 137.

²⁵ Cf. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, p. 535. (n. 2.034).

²⁶ Pontificado (1958 a 1963).

universal, prometida pelos profetas²⁷: “*E tu, menino, serás chamado profeta do Altíssimo, porque irás à frente do Senhor, para preparar-lhe o caminho*” (Lc 1,76).

João XXIII considera o Batista como o verdadeiro Precursor do Senhor, como ele foi em seu nascimento e como permaneceu em sua morte. Segundo o Papa João XXIII, João Batista possui “a dignidade de profeta do Altíssimo, fechando o período do Antigo Testamento e abrindo as portas do Novo, o primeiro santo canonizado e, reconhecamo-lo, canonizado por Cristo em pessoa”.²⁸ Para justificar essa “canonização”, o papa utiliza como argumento Mt 11,11 – *Em verdade, eu vos digo, entre todos os nascidos de mulher não surgiu quem fosse maior que João Batista.*

1.3.2 João Paulo II (1920 – 2005)²⁹

Jesus não foi aceito como Messias em sua terra, Nazaré, apesar de que no início de sua vida pública, sua missão messiânica foi revelada ao povo por João Batista. João Paulo II escreve: “João Batista anuncia o Messias – Cristo, não apenas como Aquele que ‘vem’ com o Espírito Santo, mas como Aquele que também é ‘portador’ do Espírito Santo”.³⁰

Segundo o papa João Paulo II, o Batista não é simplesmente um profeta, mas também mensageiro, é o precursor de Cristo, pois seus ensinamentos à margem do rio Jordão é a introdução imediata à nova realidade messiânica.³¹

²⁷ Cf. JUAN XXIII. *Segundas Vísperas de la Fiesta de San Juan*, 1962. Publicação eletrônica. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_xxiii/homilies/1962/documents/hf_j-xxiii_hom_19620624_san-giovanni_sp.html>. Acesso em 13/02/2013.

²⁸ JUAN XXIII, *Segundas Vísperas*, 1962.

²⁹ Pontificado (1978 a 2005).

³⁰ JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Dominum et Vivificantem*, 1986. Publicação eletrônica. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_18051986_dominum-et-vivificantem_po.html>. Acesso em 18/09/2012.

³¹ Cf. JOÃO PAULO II, *Dominum et Vivificantem*, 1986.

No limiar do Novo Testamento, João Batista, recusando-se a calar a lei do Senhor e a comprometer-se com o mal, “deu a sua vida pela justiça e pela verdade”, e foi assim o precursor do Messias também no martírio (cf. Mc 6, 17-29). Por isso, “foi encerrado na escuridão do cárcere aquele que veio para dar testemunho da luz e que mereceu ser chamado pela mesma luz, que é Cristo, lâmpada que arde e ilumina (...) E foi batizado no próprio sangue aquele a quem fora concedido batizar o Redentor do mundo”.³²

João Batista, de acordo com o papa João Paulo II, revela um estilo de vida desapegado e possui grande coragem para proclamar a vontade de Deus a todo o povo. João Paulo II ainda acrescenta que João não cede à tentação de assumir um papel de destaque, mas com desprendimento e submissão, humilha a si próprio para exaltar Jesus. Nesse aspecto, o Batista é de suma importância, pois uma experiência de fé tem a necessidade de um mediador que dê testemunho dela.³³

1.3.3 Francisco (1936 – ...)³⁴

Para falar da figura de João Batista, o papa Francisco parafraseia Agostinho de Hipona, em uma reflexão que exemplifica também os paralelos voz-Palavra e lâmpada-Luz.

A esse respeito, o papa diz, baseando-se nas palavras de João Batista: “Eu sou uma voz, uma voz no deserto’ [cf. Is 40,3], porém, ‘ele é a voz, uma voz sem Palavra, porque ele não é a Palavra, é Outro’. [...] ‘Jamais se apropria da Palavra’, João ‘é aquele que indica, que instrui’. ‘O sentido da vida de João [...] é

³² JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Veritatis Splendor*, 1993. Publicação eletrônica. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_06081993_veritatis-splendor_po.html>. Acesso em 13/02/2013.

³³ Cf. JOÃO PAULO II. *Jubileu dos Catequistas: Homília do Santo Padre*, 2000. Publicação eletrônica. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/homilies/documents/hf_jp-ii_hom_20001210_jubilcatechists_po.html>. Acesso em 13/02/2013.

³⁴ Papa eleito em 13 de março de 2013.

indicar outro”³⁵. A Igreja celebra a festa de São João em uma época do ano, em que os dias são maiores, “tem mais luz”. Segundo o papa Francisco, João era o homem da luz: não uma luz própria, mas uma luz refletida. Baseado nisso, Francisco faz uma analogia, comparando-o com a lua.³⁶

O papa Francisco diz que João Batista é “‘um profeta que passou, um homem que foi grande’, antes de morrer tragicamente”.³⁷ Isso porque, quando Jesus começou a pregar, a luz de João “começou a diminuir cada vez mais”.³⁸ E mais ainda: “João foi escolhido por Deus para preparar o caminho diante de Jesus, e indicou-o ao povo de Israel como o Messias, o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo (cf. Jo 1,29). João consagrou-se, totalmente, a Deus e ao seu enviado, Jesus”.³⁹

“João parece ser nada”. Porém a vocação do Batista, de acordo com o papa Francisco, era anular-se⁴⁰, pois ele era “Voz, não Palavra [...] luz, mas não própria”.⁴¹

1.4 Teólogos da atualidade

Na teologia atual, duas correntes nos oferecem bases para o estudo dos evangelhos. De um lado, uma que estuda o evento pós pascal (Jesus da fé) e outra, que se atém mais ao evento pré pascal (Jesus histórico), e essas duas visões se complementam. Só que durante muito tempo estudou-se somente o “Jesus da fé”.

³⁵ L'ESEMPIO di Giovanni Voce della Parola. *L'Osservatore Romano*, Città del Vaticano, 24-25 jun. 2013. p. 6.

³⁶ Cf. L'ESEMPIO di Giovanni Voce della Parola. *L'Osservatore Romano*, p. 6.

³⁷ L'ESEMPIO di Giovanni Voce della Parola. *L'Osservatore Romano*, p. 6.

³⁸ L'ESEMPIO di Giovanni Voce della Parola. *L'Osservatore Romano*, p. 6.

³⁹ FRANCISCO. *Angelus*, 2013. Publicação eletrônica. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/francesco/angelus/2013/documents/papa-francesco_angelus_20130623_po.html>. Acesso em 25/08/2013.

⁴⁰ Cf. L'ESEMPIO di Giovanni Voce della Parola. *L'Osservatore Romano*, p. 6.

⁴¹ L'ESEMPIO di Giovanni Voce della Parola. *L'Osservatore Romano*, p. 6.

Atualmente, essa busca por um estudo da parte histórica abriu novas possibilidades de compreensão do evento Jesus e dos personagens que o rodearam.

Neste tópico, pretendemos apresentar a figura de João Batista sob esses dois aspectos, tomando como base Juan Luis Segundo e Geza Vermes, que, por sinal, é também historiador, na análise histórica e Joseph Ratzinger com elementos voltados para o evento pós pascal.

“É indiscutível que a missão de Jesus de Nazaré foi um *acontecimento histórico*. Não foi, certamente, um meteorito caído do mundo celeste, cuja estrutura e desenvolvimento estariam fora das coordenadas do acontecer da história sobre esta terra”.⁴² Portanto, essa visão global (história e fé) pode ser de fundamental importância para uma melhor compreensão da figura de João Batista e sua relação com Jesus de Nazaré.

1.4.1 Juan Luis Segundo (1925 – 1996)

Juan Luis Segundo acentua o caráter profético tanto de João Batista quanto de Jesus de Nazaré, pessoas sem uma ligação com a autoridade religiosa local, mas que obtiveram grande êxito e popularidade.

João tem como ponto de partida o deserto; era um homem do deserto, com hábitos peculiares, como a vestimenta de pele de camelo e a alimentação de gafanhotos e mel silvestre (cf. Mc 1,6). Sobrevivia apenas com o necessário. É conhecido como o profeta da ira iminente.⁴³ De acordo com Segundo, o Batista diante da ira iminente de Deus, quer mostrar que “tudo o que era complicado, o

⁴² VIDAL, Senén. *Jesús el Galileo*. Santander: Sal Terrae, 2006, p. 9.

⁴³ VIDAL. *Jesús el Galileo*, p. 30. (Tradução pessoal). João via a raiz da crise de Israel em sua rebeldia contra YHWH, ou seja, em seu pecado. A opressão e a calamidade que estava sofrendo eram o efeito e a manifestação da grande desordem do pecado.

urbano, o não essencial, devia ser deixado de lado. Somente o homem essencial podia escapar da ‘ira iminente’”.⁴⁴

Este é o profeta que chamou a atenção de Jesus e a quem este se dirigiu, tocado — a menos que o consideremos falaz — por sua mensagem. Provavelmente, foi também seu discípulo até que encontrou sua própria vocação profética, com seu anúncio, sua proposta e seu estilo de vida correspondentes.⁴⁵

Jesus, seguindo o rastro de João Batista, se apresenta também como profeta, e sua mensagem, ainda que não tivesse contradito diretamente a do Batista, segue depois seu próprio caminho.⁴⁶ Porém, o esforço de se colocar Jesus como sendo o Messias e João Batista como seu precursor foi um evento pós-pascal, de quando já se tinha estabelecido o messianismo jesuânico.⁴⁷

Juan Luis Segundo utiliza o relato de Marcos sobre o batismo de Jesus para mostrar que ele aparece do nada para ser batizado por João no rio Jordão. Para Segundo, “o trabalho redacional dos evangelistas pretende, desde o começo, mudar a ordem lógica de preeminência entre esses dois personagens — o Batista e Jesus — e dar o papel de protagonista a este último, relegando a João a função de ‘precursor’ subordinado”.⁴⁸

Segundo ainda concorda com a possibilidade de, como núcleo pré-pascal, que Jesus tenha sido, durante certo tempo, discípulo de João. Para sustentar isso, ele apresenta os seguintes argumentos:

⁴⁴ SEGUNDO, Juan Luis. *La Historia Perdida y Recuperada de Jesús de Nazaret: De los sinópticos a Pablo*. Santander: Sal Terrae, 1991, p. 152.

⁴⁵ SEGUNDO, La Historia Perdida y Recuperada de Jesús de Nazaret, p. 152.

⁴⁶ Cf. SEGUNDO, La Historia Perdida y Recuperada de Jesús de Nazaret, p. 175.

⁴⁷ Cf. SEGUNDO, La Historia Perdida y Recuperada de Jesús de Nazaret, p. 150.

⁴⁸ SEGUNDO, La Historia Perdida y Recuperada de Jesús de Nazaret, p. 234.

a) que Jesus se faça batizar por João, o que supõe uma conformidade com sua mensagem profética; b) o apreço que Jesus, ainda depois de propagar sua própria mensagem, mostra sentir pelo Batista, a quem considera “o maior entre os nascidos de mulher” (Mt 11,11 e paralelo em Lucas), o que faz com que João passe por cima de todas as grandes figuras da fé javista: Abraão, Moisés, Davi, etc.; c) o fato de que Jesus se separa de João e da região onde este prega (para se dirigir à Galileia e começar a pregar ali) somente quando aquele [João] é preso por Herodes (cf. Mc 1,14).⁴⁹

Portanto, para Juan Luis Segundo, João Batista foi quem impulsionou a atividade profética de Jesus, sendo, possivelmente, no princípio, seu mestre, mesmo que depois este último tenha seguido rumos diferentes, rumos esses que serão abordados na sequência deste trabalho.

1.4.2 Geza Vermes (1924 – 2013)

Geza Vermes indica que o que se tentou na redação dos evangelhos foi uma aproximação entre as figuras de João Batista e Jesus, tentando estabelecer uma relação amistosa e de mútua estima, porém, entre os grupos de seguidores havia uma certa rivalidade.

Vermes considera que a situação embaraçosa causada pela admiração de Jesus por João Batista, se resolveu reconhecendo o segundo como precursor do primeiro, admitindo a superioridade de Jesus desde o ventre de suas mães.⁵⁰

Sem dúvida, é interessante advertir, que em contraste com esta afanosa insistência na precedência de Jesus sobre João, Marcos se dá por satisfeito com uma apresentação direta de Jesus como sucessor de João, sem analisar sua relação, mais além da exegese,

⁴⁹ SEGUNDO, La Historia Perdida y Recuperada de Jesús de Nazaret, p. 234-235.

⁵⁰ Cf. VERMES, Geza. *Jesús, El Judío*. 2. ed. Barcelona: Muchnik, 1979, p. 37.

implícita, do versículo 40,3 de Isaías: “Preparai um caminho para o Senhor através do deserto, construa uma senda através do deserto para nosso Deus”.⁵¹

Geza Vermes enxerga a possibilidade de que quando João estava preso, ao ficar sabendo da atividade de Jesus, e ao enviar seus discípulos para argumentarem a Jesus: “És tu aquele que há de vir, ou devemos esperar outro”? (Mt 11,3), isso, inevitavelmente, expressa dúvida com relação à pessoa Jesus, porque “se esperava que o Messias⁵² fizesse algo mais que curar e exorcizar, assim que se tu és o Messias se apresse em provar”.⁵³

Vermes elucida que em aramaico e hebraico a frase “o último”, “o menor”, que aparece em Mt 11,11 e paralelo em Lc 7,28, na tentativa de explicar a superioridade de Jesus sobre João pode ser usada no sentido cronológico para designar a pessoa mais jovem ou a última em uma série, e não necessariamente uma hierarquia de importância. Porém, os evangelistas acreditavam que Jesus era o último enviado de Deus.⁵⁴

Portanto, na visão de Geza Vermes essa relação entre João e Jesus (precursor-messias) não era algo tão claro e tranquilo como os evangelistas transmitiram, mas algo permeado por dúvidas e incertezas.

⁵¹ VERMES, Jesús, p. 37.

⁵² BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland A. (eds.). *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo testamento e artigos sistemáticos*. São Paulo: Academia Cristã; Paulus, 2011, p. 1.438-1.440. Messias: “Ungido”. Embora a esperança judaica do Messias fosse altamente idealizada, quase ao ponto de fazer do Messias um personagem de capacidades sobre-humanas, não havia expectativa de um Messias divino no sentido em que Jesus é declarado Filho de Deus. No Sl 89,20-38 há a descrição dos sinais do Messias. A salvação a ser realizada por Davi e sua casa não vai além da salvação política a ser realizada pelo rei.

⁵³ VERMES, Jesús, p. 36.

⁵⁴ Cf. VERMES, Jesús, p. 37.

1.4.3 Joseph Ratzinger (1927 – ...) ⁵⁵

Para Ratzinger o ministério de Jesus começa com o seu batismo no rio Jordão por João Batista. O batismo conferido por João Batista constitui uma novidade, pois é dado uma vez, sem a necessidade de repetição, como nas outras abluções religiosas e requer uma mudança de vida. João anuncia o juízo de Deus e proclama a vinda de alguém maior que há de vir depois dele. ⁵⁶

O quarto Evangelho nos diz que João Batista ‘não conhecia’ este ‘maior’ cujo caminho queria preparar (Jo 1,30-33). Mas sabe que a sua missão é estar ali como alguém que prepara o caminho a outro totalmente misterioso; que toda a sua missão está orientada para Ele. Nos quatro Evangelhos esta missão é descrita com uma citação tirada de Isaías: ‘Uma voz clama no deserto: preparei o caminho para o Senhor! Endireitai para Ele os caminhos!’ (Is 40,3). ⁵⁷

Segundo Ratzinger, o batismo tinha como imprescindível uma confissão dos pecados, na tentativa de abandonar uma vida malograda e de receber uma nova vida. Jesus então se compadece e inicia seu ministério se colocando no lugar dos pecadores, antecipando a sua cruz. ⁵⁸

“O batismo é a aceitação da morte pelos pecados da humanidade”. ⁵⁹ Com isso, torna-se também a antecipação da ressurreição da humanidade.

O batismo de Jesus foi interpretado como uma experiência de vocação: aqui, Ele, que até então teria levado uma vida

⁵⁵ Bento XVI. Pontificado (2005 a 2013), bispo emérito de Roma.

⁵⁶ Cf. RATZINGER, Joseph. *Jesus de Nazaré: Do batismo no Jordão à transfiguração*. São Paulo: Planeta, 2007, p. 31.

⁵⁷ RATZINGER, Jesus de Nazaré, p. 31.

⁵⁸ Cf. RATZINGER, Jesus de Nazaré, p. 33.

⁵⁹ RATZINGER, Jesus de Nazaré, p. 34.

perfeitamente normal na província da Galileia, teria feito uma experiência radical; aqui teria tomado consciência de uma especial relação com Deus e da sua missão religiosa.⁶⁰

Ratzinger, então, vê a figura de João Batista como o precursor, aquele que anuncia algo de novo, um profeta, que comunicava que Deus agiria novamente na história. A função do Batista era preparar as pessoas para acolherem essa manifestação de Deus na história.

1.5 Conclusão

João Batista foi consolidado pela tradição cristã como “a voz que grita no deserto” e “aquele que prepara os caminhos do Senhor”, dando cumprimento à profecia de Isaías sobre a vinda do messias (Is 40,3). A missão do Batista sempre foi algo secundário, sempre em função da missão jesuânica. João, então, é considerado o precursor. Com esse adjetivo, a tradição cristã sempre expressou a subordinação de João a Jesus.⁶¹ “Após *mim vem aquele que é mais forte do que eu. Eu nem sou digno de, abaixando-me, desatar a correia de suas alparcas*” (Mc 1,7).

Porém, com o decorrer do tempo, e com o andamento dos estudos, não somente em uma visão unilateral (evento pós pascal), mas também levando-se em conta também a história, percebe-se que as coisas mudam um pouco de figura, visto que João Batista não estava certo sobre a missão de Jesus; “*És tu, aquele que há de vir, ou devemos esperar outro?*” (Mt 11,3). Portanto não é tão simples afirmar que João é meramente o precursor de Jesus.

Faz-se necessário dar a importância devida ao Batista, não o tratando como um mero precursor de Jesus, mas como aquele que também foi mestre e ponto de partida para a missão jesuânica,

⁶⁰ RATZINGER, Jesus de Nazaré, p. 38.

⁶¹ Cf. BARBAGLIO, Giuseppe. *Jesús, Hebreo de Galilea: Investigación histórica*. Salamanca: Secretariado Trinitario, 2003, p. 181.

procurando enxergar a sua colaboração para a posterior atividade itinerante de Jesus. Somente após o encarceramento de João Batista, o que pode ser observado também em Mateus (Mt 4,12-17) e Lucas (Lc 4,14-15), dando início à sua missão própria.

“O cristianismo é um movimento batista. Jesus foi batizado por João Batista. Vários de seus discípulos pertenceram antes ao grupo de João. O vínculo entre João e Jesus se impõe, pois, com toda evidência: a atividade de Jesus se inscreve no rastro de João Batista”.⁶²

Porém, o meio mais eficaz para eliminar o incômodo que causava a figura de João Batista ao cristianismo foi o crescimento da tendência nos textos cristãos a uma “cristianização” da missão de João, levando ao conseqüente “rebaixamento” da mesma, chegando a transformá-la em um simples episódio precursor da missão jesuânica.⁶³

É de se esperar que os cristãos fixassem o início de seu movimento na missão direta daquele que eles consideravam seu fundador, Jesus, e não na missão de João. Ainda mais que o Batista era venerado como iniciador de seu movimento por parte dos grupos batistas, que em alguns textos aparecem expressamente como competidores dos grupos cristãos (Jo 3,25-30).⁶⁴

Portanto, é comum às fontes cristãs o interesse pelo Batista somente em função da história de Jesus de Nazaré. Por isso, o vinculam estreitamente a ele e pressupõem sempre a superioridade de Jesus.⁶⁵ Os dados que possuímos sobre João chegaram até nós quase que, exclusivamente, através da interpretação que o cristianismo do segundo testamento faz de João, sempre em relação com Jesus e menos interessada pela

⁶² PERROT, Charles. *Jesús y la Historia*. Madrid: Crístandad, 1982, p. 80.

⁶³ Cf. VIDAL, Jesús el Galileo, p. 17.

⁶⁴ Cf. VIDAL, Jesús el Galileo, p. 16.

⁶⁵ Cf. THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. *El Jesús Histórico: Manual*. Salamanca: Sígueme, 1999, p. 227.

história pessoal da atividade de João por causa do caráter de precursor, o que, consequentemente, o torna inferior a Jesus.⁶⁶

O que foi feito para diminuir o impacto da figura de João nas comunidades cristãs, foi encontrar um modo de camuflá-lo.

Um modo indireto de fazê-lo foi antepor um relato sobre as *origens grandiosas* de Jesus. Assim, os evangelhos de Mateus e de Lucas, antes de sua narração sobre a missão de João, na qual combinam o evangelho de Marcos e a fonte Q, tem um amplo relato sobre as origens do messias Jesus (Mt 1-2; Lc 1-2). A singularidade do tom e do interesse desse relato é evidente. Utilizando os motivos tópicos do judaísmo e do helenismo sobre as origens portentosas de personagens famosos, seu claro centro de interesse é a justificação da confissão de fé do movimento cristão sobre o messias Jesus. De um modo semelhante, o evangelho de João antepõe à narração sobre a missão de João um hino sobre a origem misteriosa de Jesus, a Palavra divina (Jo 1,1-18).⁶⁷

A maior parte do que chegou até nós sobre a figura de João Batista foram “retalhos” costurados pela comunidade cristã, que, pelo fato de defender seu ponto de vista favorável a Jesus, esse retrato do Batista pode ter ficado um pouco desfigurado, sendo que a maioria dos fatos não possui fiabilidade histórica, visto que as narrativas são, mais fruto de uma experiência de fé de uma comunidade, do que propriamente uma preocupação com o ordenamento histórico desses fatos.

⁶⁶ Cf. SCHILLEBECKX, Edward. *Jesús: La Historia de un Viviente*. Madrid: Trotta, 2002, p. 114.

⁶⁷ VIDAL, Jesús el Galileo, p. 16-17.

CAPÍTULO 2

JOÃO BATISTA NA TRADIÇÃO EVANGÉLICA

Neste segundo capítulo realizada uma pesquisa nos escritos da tradição cristã – evangelhos sinópticos e na fonte *Quelle*, e também no evangelho de João – no que se refere à relação entre João Batista e Jesus, para procurar entender como se deu a *cristianização* da missão do Batista e quais os motivos que levaram a tal acontecimento, sendo que no quarto evangelho, essa *cristianização* adquire maior relevo.

2.1 Evangelhos sinópticos

Iniciemos a nossa reflexão sobre a figura de João Batista, na tradição evangélica, pelos evangelhos sinópticos. Estes recebem este nome porque:

Estes três [evangelhos de Marcos, Mateus e Lucas] muitas vezes são referidos como os “Evangelhos Sinópticos”, porque eles contam a história de Jesus, em grande parte, do mesmo modo. (Em Grego, *sunoptos* significa “visível em conjunto”). Estes três evangelhos apresentam as mesmas histórias na mesma ordem e, às vezes, com o mesmo vocabulário.¹

A abordagem seguirá a ordem cronológica de escrita dos evangelhos, iniciando por Marcos, seguido por Mateus e Lucas.²

2.1.1 Marcos

O evangelho de Marcos foi o primeiro a ser escrito e apresenta os episódios de forma sucinta, sem uma grande preocupação de sistematização teológica. E logo no início já traz

¹ MURPHY, Catherine M.. *John the Baptist: prophet of purity for a new age*. Collegeville: Minnessota, 2003, p. 24.

² Cf. BÍBLIA: *La Biblia de Estudio*: Dios habla hoy. 3.ed. Brasil: SBU, 1999, p. 1459.

referências à figura de João Batista, que para a comunidade marcana, tem uma função bem definida.

A posição e o significado do Batista na história da salvação vem expressos em uma frase da Escritura: é ele que prepara o caminho para o Messias, segundo a profecia do Antigo Testamento, e como tal é reconhecido também por Jesus [...]. O Batista não é importante por si mesmo, mas somente pela sua competência de anunciar e preparar a vinda do Messias.³

A passagem que é tomada para essa interpretação retirada de Is 40,3, é uma junção de Ex 23,20 – *“Mandarei um anjo à tua frente, para que te guarde pelo caminho e te introduza no lugar que eu preparei”* – e Ml 3,1 – *“Eis que estou enviando o meu mensageiro para preparar o caminho à minha frente”*.⁴

Gnilka realiza uma reflexão a respeito da evolução da passagem de Is 40,3 e apresenta elementos de uma possível *cristianização* desta citação. Para o autor, somente na tradução LXX, é possível aplicar a citação ao Batista, sendo que, só na tradução LXX, há a possibilidade de aplicar a perícope a uma pessoa, referindo-se a João como a “voz”⁵, já que nas outras duas traduções, do targumin e da bíblia hebraica, não existe a possibilidade de uma definição de referência dessa passagem, pois é apresentada de forma genérica.

<p>Bíblia Hebraica</p>	<p>קוֹל קוֹרָא בַּמִּדְבָּר פְּנֵי דְרֹךְ יְהוָה יִשְׂרָי בְּעֶרְבָה מְסֻלָּה לְאֵלֵינוּ:</p>	<p>No deserto preparai o caminho para Javé, construí no ermo uma estrada a nosso Deus.</p>
----------------------------	---	--

³ SCHIMID, Josef. *L'Evangelo Secondo Marco*. Brescia: Morcelliana, 1961. (Il Nuovo Testamento Comentato 2), p. 32.

⁴ Cf. GNILKA, Joachim. *El Evangelio Segun San Marcos*. 4. ed. Salamanca: Sígueme, 1999, p. 47. Volume I.

⁵ Cf. GNILKA, El Evangelio Segun San Marcos, p. 51.

O lugar de atuação de João Batista também é importante para Marcos. O deserto tem um simbolismo forte para o Batista.

Parece ser esta localização geográfica fundamental para o simbolismo que João dava a sua missão. João aparecia como o *novo Elias*, precursor da vinda de Deus (Mt 3), precisamente no mesmo lugar onde Elias havia desaparecido⁹. E seu *batismo* no Jordão se convertia assim no símbolo do *novo ingresso* na terra [...] O batismo em suas águas, precisamente no lugar por onde o Israel das origens havia cruzado para entrar em sua terra, era o grande sinal do novo ingresso do povo renovado na herança que Deus lhes havia concedido.¹⁰

Para ressaltar a superioridade de Jesus sobre João, o evangelista coloca na boca do Batista estas palavras: *E proclamava dizendo: Após mim vem o mais forte do que eu, do qual não sou digno de, curvando-me, soltar a correia das alparcas dele. Tenhóvos batizado com água, ele, porém, vos batizará com Espírito Santo* (Mc 1,7-8).

Com estas palavras, João quer dizer que virá alguém mais importante que ele, frente ao qual ele não é digno de fazer nem o serviço mais humilde. A figura do Batista se restringe a preparar o caminho para o messias, portanto, é o seu precursor. O batismo de água de João tem o intuito de purificação dos homens, mediante a conversão, para a chegada do messias. O “batismo no espírito” consiste no envio escatológico do espírito, que coincidirá cronologicamente com o Juízo, previsto para um tempo próximo.¹¹

Com relação ao batismo de Jesus, Marcos não revela o motivo pelo qual Jesus foi batizado por João, visto que o batismo era para o arrependimento e o perdão dos pecados (Mc 1,4), isso não trouxe desconcerto, de uma possível submissão de Jesus a

⁹ De acordo com 2 Rs 2,7-10, Elias foi arrebatado.

¹⁰ VIDAL, Senén. *Los Tres Proyectos de Jesús y el Cristianismo Naciente*. Salamanca: Sígueme, 2003, p. 75.

¹¹ Cf. SCHIMID, L'Evangelo Secondo Marco, p. 35.

João. O evangelista estava interessado em revelar a identidade de Jesus.¹² Pois, logo após o batismo, houve a revelação de que Jesus era o filho de Deus: *E logo, subindo da água, viu os céus rasgando-se e o Espírito como uma pomba descendo sobre ele; e houve uma voz dos céus: Tu és o meu Filho amado, em ti pus o meu beneplácito* (Mc 1,10-11).

Outro ponto que merece ser ressaltado no evangelho de Marcos, que tem o intuito de relacionar João e Jesus, como precursor e messias, está presente na morte dos dois. “A execução do Batista ocorre, segundo Mc 6,17-28, por instigação de Herodíades, ressentida pela crítica do Batista a seu casamento com Herodes Antipas”.¹³ João Batista foi assassinado de forma brutal (decapitado), a pedido de Herodíades, que era casada com Filipe, irmão de Herodes. O rei Herodes havia contraído matrimônio ilegal com ela, depois de abandonar sua esposa legítima.

O historiador judeu Flávio Josefo ao contrário, diz que a morte de João Batista ocorre por motivos políticos: “a execução ocorre pelo temor de Herodes Antipas (baseado na mera suspeita) de uma rebelião provocada pelo Batista. Não está claro o conteúdo preciso desse temor”.¹⁴

O mais importante é que a morte violenta de João já é uma prefiguração da morte violenta de Jesus. O Batista foi o precursor de Jesus, segundo o evangelista, até mesmo no momento da morte. Porém, Marcos ressalta a diferença da morte dos dois: Logo após a morte de João, ele foi sepultado – *E tendo ouvido isso, os seus discípulos vieram e levaram o cadáver dele e puseram o mesmo em um sepulcro* (Mc 6,29).

Jesus morreu, foi sepultado, porém, diferentemente de João, ressuscitou. Talvez por isso, para elucidar mais a ressurreição

¹² Cf. BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland A. (eds.). *Nuevo Comentario Bíblico San Jerónimo: Nuevo testamento y artículos temáticos*. Navarra: Verbo Divino, 2004, p. 19.

¹³ THEISSEN; MERZ, El Jesús Histórico, p. 228.

¹⁴ THEISSEN; MERZ, El Jesús Histórico, p. 228.

de Jesus, ao invés da comunidade marcana permanecer com o final abrupto do evangelho em Mc 16,1-8, onde as mulheres que foram ao túmulo de Jesus ficaram perplexas ao vê-lo vazio, foi necessário o acréscimo dos versículos de 9-20, que narram as aparições de Jesus ressuscitado à Maria Madalena e depois aos discípulos.¹⁵

2.1.2 Mateus

O evangelista Mateus apresenta João Batista predicando no deserto (Mt 3,1-4,11). Mateus também toma a passagem de Is 40,3, a exemplo de Marcos, para designar o Batista como sendo o precursor de Jesus. O Batista predicava a conversão (μετανοίας) em vista da proximidade do reino dos Céus (βασιλεία τῶν οὐρανῶν)¹⁶, assunto que será abordado no terceiro capítulo. A preocupação de João era com o “dia de YHWH”:

O “dia de Javé”, o futuro dia do juízo, já segundo os profetas do Antigo Testamento e também apoiados na esperança judaica, devia ser o dia da ira, da punitiva justiça divina. O judaísmo, porém, retinha que esta ira seria direcionada exclusivamente contra os pagãos, os seus opressores¹⁷.

Justamente por essa preocupação com o irromper do Juízo iminente de YHWH, é que João vai para o deserto exortar os judeus à conversão. Somente “é possível escapar por meio da conversão, que tem como símbolo o banho na água como compromisso de aceitar uma nova vida. O protagonista deste Juízo divino é alguém que está por vir delegado por Deus”.¹⁸

¹⁵ Cf. LINDEN, Philip Van. Marcos. In: BERGANT, Dianne, CSA; KARRIS, Robert J., OFM (Organizadores). *Comentário Bíblico*. 5. ed. Loyola: São Paulo, 2010, p. 71. Volume III.

¹⁶ Cf. SCHIMID, Josef. *L'Evangelo Secondo Matteo*. Brescia: Morcelliana, 1962. (Il Nuovo Testamento Comentato 1), p. 79.

¹⁷ SCHIMID, L'Evangelo Secondo Matteo, p. 81.

¹⁸ FABRIS, Rinaldo. *Jesús de Nazaret: História e interpretación*. Salamanca: Sígueme, 1985, p. 93.

Eu por um lado vos batizo com água para o arrependimento, mas após mim vem o que é mais forte do que eu, do qual não sou digno de carregar as alparcas; ele vos batizará com Espírito Santo e fogo (Mt 3,11).

Um ponto não muito claro é quem seria esse “mais forte”, YHWH mesmo ou um agente messiânico? De acordo com Theissen/Merz esse “mais forte” pode ser identificado como o próprio Deus: “Deus aparece já implicitamente como juiz em Mt 3, 7-10 Q. Em Mt 3,12 Q, os possessivos (‘sua eira’, ‘seu trigo’; Lc: ‘seu celeiro’) se referem a Deus, ὁ ἰσχυρὸς (o forte) é um epíteto de Deus corrente na LXX, e o que faz o mais forte é, tradicionalmente, obra de Deus: Is 27, 12s; Jr 13, 24; 15, 7; Ml 3, 19”.¹⁹

Por outro lado, Theissen/Merz, enumeram também outras possibilidades, que deixam entrever uma possível espera de um mediador, de uma figura messiânica:

1. A relação comparativa do Batista com outro personagem que é “mais forte” e traz um batismo mais eficaz ainda, situa ambos os personagens em um âmbito onde só há diferenças de grau. 2. O antropomorfismo de “levar-lhe as sandálias” (Mt 3, 11) o “soltar-lhe as correias das sandálias” (Mc 1, 7) é dificilmente aceitável como comparável à Deus... apesar de todos os audaciosos antropomorfismos bíblicos. 3. A perícopie da pergunta do Batista a Jesus: “És tu o que há de vir...?” (Mt 11, 2ss.), pressupõe um mediador que atua na terra.²⁰

Em determinado momento, Jesus vai ao deserto e aproxima-se de João para receber o batismo – *Então, Jesus vem da Galileia para o Jordão, em direção a João para ser batizado por ele (Mt 3,13);* porém, João Batista, inicialmente, se recusa a batizar Jesus – *Mas João tentou impedi-lo dizendo: “Eu tenho necessidade de ser batizado por ti, e tu vens a mim?” (Mt 3,14).*

¹⁹ THEISSEN; MERZ, El Jesús Histórico, p. 232. (Tradução pessoal).

²⁰ THEISSEN; MERZ, El Jesús Histórico, p. 232. (Tradução pessoal).

O questionamento ou recusa do Batista tem também uma função apologética: serve para sublinhar a oposição entre o batismo messiânico, ou seja, cristão e o batismo judaico. O protesto (v.14) é, portanto, mais que um respeitoso reconhecimento da superioridade do messias; é a contraposição das duas economias da água e do Espírito.²¹

Com a chegada do messias, não será mais a água que purificará as almas, mas o Espírito Santo. O batismo messiânico não é somente um rito destinado a ser administrado no Espírito, mas, sobretudo, para transmitir o Espírito. O sinal mais idôneo que exprime a ação purificadora e santificadora do Espírito é o fogo. Uma contraposição à natureza da água, anunciando a substituição da economia velha por uma nova economia, o fogo purifica, separa e santifica.²²

Para Mateus, o batismo recebido por Jesus não é um ato de purificação²³, mas um ato para o cumprimento da justiça – *Mas, respondendo Jesus disse a ele: “Permite agora, assim, pois é apropriado a nós cumprir toda justiça.” Então ele permitiu* (Mt 3,15). Por cumprir a justiça se entende:

O termo δικαιοσύνην é particularmente bíblico e também próprio de Mateus. No grego clássico tem um valor jurídico, mas na Bíblia o seu significado é mais amplo. A justiça é uma virtude eminentemente divina; é a correspondência de Deus às suas promessas. No presente texto designa igualmente a sua fidelidade, mas em referência à peculiar forma ou via que deu ao plano redentor. “Cumprir a justiça” significa submeter-se às decisões divinas, aceitando as duras cláusulas que a condicionam.²⁴

²¹ SPINETOLI, Ortensio da. *Matteo: Commento al “vangelo della chiesa”*. 2. ed. Cittadella: Assisi, 1973. p. 77.

²² Cf. SPINETOLI, Matteo, p.74.

²³ Cf. BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland A. (eds.). *Nuevo Comentario Bíblico San Jerónimo*, p. 77. (Tradução pessoal). Ele [Mateus] omite a referência de Mc 1,4, que diz que o batismo de João era para o perdão dos pecados.

²⁴ SPINETOLI, Matteo, p. 78.

Por esse motivo, cumprir a justiça, para Jesus, foi levar ao cumprimento a obra da salvação, mesmo que para isso, tivesse que passar pela agonia no Getsêmani e pelo sofrimento de sua paixão. Jesus é o intermediário entre os homens e Deus, sobretudo daqueles mais necessitados.²⁵

Porém, um ponto importante a ser destacado na cena do batismo de Jesus, é o fato de que, *tendo sido batizado, Jesus logo subiu da água; e eis que foram abertos para ele os céus, e viu o Espírito de Deus descendo qual uma pomba e vindo sobre ele; e uma voz dos céus dizendo: “Este é o meu Filho amado, em quem pus meu beneplácito”* (Mt 3,16-17).

O fato de o espírito ter se manifestado à semelhança de uma pomba (cf. Mt 3,16), não quer dizer que Ele tenha a forma de um pássaro; serve para exprimir uma aproximação humana na representação do invisível, é linguagem simbólica. A voz que vem dos céus é portadora da revelação divina: Jesus é o Filho de Deus (cf. Mt 3,17).²⁶ Essa revelação é direcionada a todos os presentes; ao contrário de Marcos, que a reserva apenas a Jesus. Com esse sinal ocorre a investidura messiânica oficial de Jesus, demonstrada publicamente.²⁷

É interessante observar, que apesar desses sinais, o Batista ainda tem dúvidas a respeito da messianidade de Jesus. Isso pode ser comprovado por Mt 11,3, onde já estando preso, João envia discípulos seus até Jesus, para saber se era ele o que havia de vir, ou deviam esperar outro. Jesus não responde um “sim” muito claro, mas com sinais da chegada do messias, que estavam já acontecendo, dando a entender uma resposta positiva, que era ele o messias:

E respondendo a eles, Jesus disse: indo vós a João, anunciai as coisas que ouvís e vedes: cegos tornam a ver e coxos andam,

²⁵ Cf. SPINETOLI, Matteo, p. 78.

²⁶ Cf. BARBAGLIO, Giuseppe; FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Evangelhos (I)*. São Paulo: Loyola, 1990, p. 93.

²⁷ Cf. SPINETOLI, Matteo, p. 81-82.

leprosos são purificados e surdos ouvem, e mortos são ressuscitados e pobres são evangelizados (Mt 11,4-5), para isso serve-se da profecia de Isaías (cf. Is 28,18-19; 35,5-6; 42,18; 61,1), porém, essas passagens não mencionam os leprosos e os mortos.²⁸

A exemplo de Marcos, Mateus relata a morte de João (cf. Mt 14,10-11) pelo mesmo motivo: o rechaço à relação de Herodes com Herodíades. E só a partir daí que Jesus começa a sua missão (cf. Mt 14,1-12). Portanto, a centralidade do evangelho de Mateus, quando trata da relação entre João Batista e Jesus, está em ressaltar o papel de precursor do Batista e ressaltar a messianidade e superioridade de Jesus.

2.1.3 Lucas

Lucas é o único evangelista que escreve sobre a infância de João Batista, e o faz relacionando-a com a infância de Jesus, vinculando os dois personagens, já no ventre de suas mães, inclusive é o único a fornecer a informação de que os dois eram parentes (cf. Lc 1,36). Até a estrutura utilizada para relatar os dois nascimentos segue os mesmos parâmetros. Esse paralelo é feito por Fitzmyer²⁹:

João Batista	Jesus
Apresentação dos pais, sem esperança de prole, por esterilidade (1,5-10).	Apresentação dos pais, sem esperança de prole, por não estarem ainda casados (1,26-27).
Aparição do mensageiro (1,11). Sobressalto de Zacarias (1,12).	Aparição do mensageiro (1,28). Sobressalto de Maria (1,29).
“Não temas...” (1,13). “Tua mulher te dará um filho” (1,13).	“Não temas...” (1,30). “Darás a luz a um menino” (1,31).
“Lhe colocará o nome João” (1,13). “Será grande aos olhos do Senhor” (1,15).	“Será grande” (1,32).

²⁸ Cf. BROWN; FITZMYER; MURPHY, Nuevo Comentario Bíblico San Jerónimo, p. 100.

²⁹ Cf. FITZMYER, Joseph A. *El Evangelio Segun Lucas*. Madrid: Cristandad, 1987, p. 57-58. Volume II.

Pergunta de Zacarias: “Como saberei...?” (1,18).	Pergunta de Maria: “Como sucederá...?” (1,34).
Resposta do mensageiro: “(Deus) me enviou para lhe anunciar...” (1,19).	“O Espírito Santo descerá sobre ti...” (1,35).
Sinal: “Ficarás mudo, e não poderás falar” (1,20). Zacarias segue mudo (1,22).	Sinal: “Tua parenta, Isabel, apesar de sua velhice, concebeu um filho” (1,36). Maria responde espontaneamente (1,38).

Por esse quadro podemos perceber que Lucas, narra a história dos dois personagens de forma idêntica. Esse jogo com as palavras não é por acaso, e sim uma forma de aproximação dos dois.

O evangelista narra a forma miraculosa como João Batista foi concebido: No tempo do rei Herodes, existia um sacerdote, Zacarias, que era da classe de Abias (cf. Lc 1,5) e sua esposa, Isabel, era descendente de Aarão (cf. Lc 1,6), portanto, João era de linhagem sacerdotal. Ambos eram justos diante de YHWH, pois cumpriam fielmente os preceitos e mandamentos do Senhor (cf. Lc 1,6).

O adjetivo δίκαιοσ expressa a atitude interna dos pais de João, que têm uma aceitação sem limites da vontade de Deus, especialmente que se expressa na lei. [...] A intenção de Lucas, ao introduzir este traço descritivo [eram justos], é adiantar-se a uma possível interpretação errônea por parte dos leitores, que poderiam atribuir a esterilidade deste matrimônio a uma conduta depravada ou a um comportamento indigno frente à vontade de Deus.³⁰

Lucas faz questão de ressaltar que Zacarias e Isabel não tinham filhos porque Isabel era estéril, e os dois eram de idade avançada (cf. Lc 1,7).

A esterilidade de Isabel é como a de Sara (Gn 16,1), como a de Raquel (Gn 30,1), como a da mãe de Sansão (Jz 13,2), como a de Ana (1 Sm 1-2); a mãe de João é como as mães dos patriarcas e de outras grandes figuras de Israel. [...] O paralelismo mais acentuado se dá entre Isabel e Sara; as duas, além de ser estéreis, passaram da idade de ter

³⁰ FITZMYER, El Evangelio Segun Lucas, p. 74-75.

filhos.³¹

Ao desempenhar suas funções sacerdotais no templo, apareceu um anjo a Zacarias (cf. Lc 1,8-11), Zacarias ficou perturbado, e foi acalmado pelo anjo, e lhe anunciou o nascimento do filho, no qual deveria colocar o nome João (cf. Lc 1, 11-13): “Ainda que Lucas não apresente o significado do nome -‘Javé mostrou-se favorável’-, a importância do nome do menino reaparece em 1,57-67”.³²

De acordo com Lucas, o menino será grande diante do Senhor e não beberá vinho, nem bebida fermentada, e será cheio do Espírito Santo, desde o ventre materno (cf. Lc 1,15). Seu papel será fazer com que muitos filhos de Israel retornem a Deus (cf. Lc 1,16-17).

“A alusão ao ‘nazirato’ é clara. Pode referir-se a Nm 6,2-3: Quando um homem ou uma mulher querem fazer um voto especial a YHWH (voto de nazirato), se absterá de vinho e bebida fermentada. Nazireu significa consagrado a YHWH, separado para o Senhor”.³³

Zacarias interroga o anjo: *E Zacarias disse para o anjo: “Como saberei isto? Pois sou velho e minha esposa já tem uma idade avançada”* (Lc 1,18). O anjo então identificou-se: *E respondendo, o anjo disse a ele: “Eu sou Gabriel, o que permanece perante Deus. E fui enviado para falar a ti e anunciar-te estas coisas”* (Lc 1,19).

A mensagem do anjo é desse modo excepcional, que Zacarias não o pode pensar ser digno e, como Abraão, pede um sinal, pelo qual possa reconhecer a autenticidade do anúncio, que lhe parece ser impossível de ser realizado. O anjo, em sua resposta, antes de tudo, revela o próprio nome e prova, portanto, a sua missão divina. Ele não é qualquer mensageiro celeste, mas é Gabriel (= o forte de Deus), um dos que estão mais próximos do trono de Deus.³⁴

³¹ FITZMYER, El Evangelio Segun Lucas, p. 75.

³² BROWN; FITZMYER; MURPHY, Nuevo Comentario Bíblico San Jerónimo, p. 140.

³³ FITZMYER, El Evangelio Segun Lucas, p. 80.

³⁴ SCHIMID, Josef. *L'Evangelo Secondo Luca*. Brescia: Morcelliana, 1961, p. 55. (Il Nuovo Testamento Comentato III).

Por não ter acreditado Zacarias ficou mudo (cf. Lc 1,20), “sua própria mudez vai ser o sinal que Zacarias havia pedido e que o levará a compreender o mistério” .³⁵ O próprio YHWH fecha os lábios do sacerdote, como uma garantia da manutenção do segredo por um tempo. Provavelmente, além de mudo, Zacarias também ficou surdo, pois em Lc 1,62, as pessoas tinham que perguntar-lhe por sinais, o nome que seria dado ao seu filho.³⁶

Traçando esse paralelo e união entre João e Jesus, Lucas relata o anúncio feito a Maria pelo mesmo anjo Gabriel (cf. Lc 1,27), que ela também ficaria grávida de forma miraculosa, porém seu filho teria um nascimento ainda mais extraordinário, pois seria por obra do Espírito Santo, e a gravidez de Isabel, em idade avançada, serviria a Maria como comparação do poder de YHWH, pois para Ele nada é impossível (cf. Lc 1,35-37).

A concepção de Maria é um puro dom de Deus mediante o poder do Espírito Santo. *Tua parenta*: Lucas relaciona ambas anunciações e oferece um nexo proléptico dos acontecimentos de 1,39-56. Com a referência (cf. 1,25) ao mês da gravidez, Lucas convida a refletir sobre o cumprimento da promessa de Dn 9,24. Ressoa aqui uma alusão ao anúncio do nascimento de Isaac (Gn 18,14), e de novo se repete o tema lucano de que Deus é capaz de criar algo do nada. Maria de Nazaré é a crente e a escrava, modelo que responde com todo o coração ao plano de Deus, e é também a precursora da galeria de pessoas de má fama, quer dizer, de mulheres, pecadores e gente simples, dos quais ninguém esperaria que respondessem favoravelmente à revelação de Deus.³⁷

Maria então partiu para casa de Zacarias. Quando entrou na casa e saudou Isabel, *a criança saltou de alegria no ventre dela, e Isabel ficou cheia do Espírito Santo* (Lc 1,41).

³⁵ FITZMYER, El Evangelio Segun Lucas, p. 85.

³⁶ Cf. FITZMYER, El Evangelio Segun Lucas, p. 85.

³⁷ BROWN; FITZMYER; MURPHY, Nuevo Comentario Bíblico San Jerónimo, p. 141.

“A intenção de Lucas na cena da visitação é de natureza literária e teológica. Une as duas futuras mães (cf. Lc 1,25.36) para que ambas possam louvar a Deus, que está presente em suas vidas, e para apresentar o filho de Isabel como o ‘precursor’ do filho de Maria”.³⁸ E os movimentos do feto no seio de Isabel são interpretados como sinal de reconhecimento. Desde o ventre de sua mãe, João é consciente de sua relação com Jesus.³⁹

Quando completou-se o tempo de gravidez, Isabel deu à luz um filho (cf. Lc 1,57), no oitavo dia foram circuncidar o menino. As pessoas queriam que ele tivesse o nome do pai, porém Isabel e depois Zacarias, ao ser consultado, confirmou, escrevendo em uma tabuinha:

“João é o seu nome!”, no mesmo instante sua boca se abriu e sua língua se soltou (cf. Lc 1,63-64), cumprindo-se o que o anjo havia dito: *E eis que agora, estarás guardando silêncio, não podendo falar até o dia em que estas coisas aconteçam, porque não creste nas minhas palavras, que serão cumpridas no tempo delas* (Lc 1,20).

Nesse instante, acontece um novo milagre: Zacarias recupera a voz e sua primeira atitude é a de louvar a Deus. Porque Deus interveio, com sua força que guia e protege, de forma miraculosa, colocando sua mão sobre aquela criança.⁴⁰

Lucas diz que João Batista vivia nos desertos, até a chegada da hora de se apresentar publicamente a Israel (cf. Lc 1,80). Ao falar da missão do Batista, Lucas o situa no décimo quinto ano do império de Tibério César (cf. Lc 3,1-2). O evangelista deixa bem claro que o batismo de João era de conversão para o perdão dos pecados, e sua missão se estendeu por toda a região do Jordão, no deserto (cf. Lc 3,3). O povo perguntava-se interiormente se João poderia ser o Cristo (Lc 3,15), e o Batista dizia esperar “o mais forte”, dando a entender que esperava alguém que viesse finalizar a missão iniciada por ele (cf. Lc 3,16-17).

³⁸ BROWN; FITZMYER; MURPHY, Nuevo Comentario Bíblico San Jerónimo, p. 141.

³⁹ Cf. FITZMYER, El Evangelio Segun Lucas, p. 145.

⁴⁰ Cf. SCHIMID, L'Evangelo Secondo Luca, p. 81-82.

Pelo mesmo motivo narrado em outros sinópticos, Lucas diz que João é preso por Herodes, por não concordar com o relacionamento ilícito que este último tinha com Herodíades, que era esposa de seu irmão, e pelos outros crimes cometidos pelo tetrarca (cf. Lc 3,18-20).

Após a narrativa do encarceramento de João, Lucas, diferentemente dos outros evangelhos, coloca o batismo de Jesus, de forma curta, e para evitar qualquer possibilidade de submissão ao Batista. Quando o batismo ocorre, João já está preso: *E aconteceu todo o povo estava a ser batizado, e Jesus tendo sido batizado, estando a orar, o céu se abriu e o Espírito Santo desceu sobre ele, em forma corpórea, como uma pomba. E do céu veio uma voz: Tu és o meu filho; eu hoje te gerei* (Lc 3,21-22).

Lucas omite o detalhe de Marcos, que especifica que Jesus foi batizado “por João”; mas Jesus, ao menos, participa desse batismo. Neste ponto convém recordar que o quarto Evangelho, em seu modo peculiar de apresentar a cena, omite também a menção explícita de que Jesus recebe o batismo das mãos de João (cf. Jo 1,31-33).⁴¹

O evangelista diz que Jesus tinha trinta anos ao iniciar seu ministério (cf. Lc 3,23), e logo após apresenta a genealogia portentosa de Jesus (cf. Lc 3,23-38), que tem como objetivo apresentá-lo, como sendo filho de YHWH, em contraposição à linhagem sacerdotal, porém simples de João.

Para compreender a intenção de Lucas em relatar o elenco deve-se ter em conta a moldura literária e as sublinhas discretas do evangelista. Na narração imediatamente anterior – o batismo de Jesus, sobre o qual desceu o Espírito Santo –, este foi proclamado Filho único pelo próprio Deus. Aqui, ao invés, é apresentado como “Filho de Deus” por meio da cadeia das gerações humanas. De fato, a árvore genealógica de Lucas remonta até Adão, “filho de Deus” (3,38). Em outros termos, em Jesus está concentrada toda a história

⁴¹ FITZMYER, El Evangelio Segun Lucas , p. 352.

humana iniciada com Adão. A imagem de Deus impressa no primeiro homem aparece agora em toda a sua verdade em Jesus.⁴²

O Batista, como também apresentam outros evangelhos, envia dois de seus discípulos a Jesus para perguntar se ele era o que eles esperavam, e da mesma forma que em Mateus, Jesus não responde diretamente que sim, mas também fala dos sinais da chegada do messias, contidos na profecia de Isaías, visto que Jesus havia curado a muitos de suas doenças, moléstias e espíritos malignos e proporcionado a vista a muitos cegos (cf. Lc 7,20-22). Lucas não dá pistas de como se deu a morte de João Batista.

O que Lucas pretendeu ao relacionar João e Jesus, desde a infância, foi sublinhar a superioridade de Jesus – messias, sobre João – precursor, dando a entender que os dois eram conscientes, desde o princípio, da missão de cada um e a correlação entre elas.

2.2 Fonte “*Quelle*”

Este *documento Q (Quelle)*, não foi descoberto em cavernas ou escavações, como outros documentos antigos, mas está escondido dentro dos evangelhos de Mateus e Lucas.⁴³ Marcos é o evangelho mais antigo, e serviu de fonte para os outros dois sinópticos.

Porém, os evangelhos de Mateus e Lucas são mais extensos que o de Marcos, tem em comum mais de duzentos versículos, que não aparecem em Marcos. Uma explicação para isso é que, Mateus e Lucas tem uma fonte em comum, distinto de Marcos:⁴⁴

Esta “segunda fonte”, dos Sinópticos, ou propriamente de Mateus e Lucas remonta a um documento hipotético. Desde quando estudiosos alemães das escrituras desenvolveram a hipótese das

⁴² FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os Evangelhos (II)*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1998, p. 54-55.

⁴³ Cf. OPORTO, Santiago Guirrajo. *Ditos Primitivos de Jesus: Uma introdução ao “Proto-evangelho de ditos Q”*. São Paulo: Loyola, 2006, p. 11-12.

⁴⁴ Cf. OPORTO. *Ditos Primitivos de Jesus*, p. 12.

duas fontes - Marcos e esta fonte de dizeres - nós seguimos sua convenção para designar a última como “Q”, do alemão *Quelle*, que significa “fonte”.⁴⁵

A mensagem principal, transmitida por João Batista, na fonte Q, diz respeito à ira divina e ao chamado à conversão (com paralelos em Mt 3,7-9 e Lc 3,7-9), reclamando a atenção dos judeus para necessidade de mudança de vida. “Essa ira é a santidade de Deus como reação automática contra todo ato pecaminoso na conduta de Israel, especialmente a apostasia e a idolatria, que rompem a aliança, que firmam as relações entre Deus e seu povo”⁴⁶, acorriam a ele muitos fariseus e saduceus para receberem o batismo (cf. Mt 3,7), Lucas fala de uma multidão (cf. Lc 3,7), e a exortação era:

Disse ao [povo que vinha para] ser bati[zado]: raça de víboras, quem vos orientou a fugir da ira que está por vir? Dai, portanto, fruto digno de conversão, e não vos glorieis dizendo em vosso interior: Temos por pai a Abraão. Porque vos digo que Deus pode tirar destas pedras filhos de Abraão. Já está deitado o machado à raiz das árvores. E toda árvore que não der bom fruto será cortada e lançada ao fogo (Q 3,7-9).⁴⁷

Os judeus, apoiados na confiança nos méritos de Abraão, “pai Abraão”, e na filiação abraâmica, se julgam dispensadores de uma mudança de vida (conversão), criando no judaísmo uma espécie de garantia de salvação, fundada sobre motivos nacionalistas ou de sangue (povo, etnia). Pois o povo judeu, pelo mérito dos patriarcas, sobretudo de Abraão, já se imaginava como sendo pertencente ao povo eleito de YHWH, portanto, livre de sua justiça e implacável ira.

É contra essa insensatez que João Batista se inflama, porque a mentalidade, de que a descendência física de Abraão já é garantia de salvação, faz com que muitos judeus não encarem a religiosidade com

⁴⁵ MURPHY, John the Baptist, p. 32.

⁴⁶ MEIER, Un Judío Marginal, p. 58.

⁴⁷ OPORTO, Ditos Primitivos de Jesus, p. 93-94.

uma verdadeira seriedade, ao contrário, é estímulo para um laxismo.⁴⁸

A imagem do machado cortando a árvore tem precedentes na descrição veterotestamentária do Juízo (cf. Is 10,33-34; 32,19). A novidade aqui é que João Batista apresenta o Juízo como iminente: o lenhador já deixou as raízes expostas e está calculando para desferir o primeiro golpe com o machado.⁴⁹

João fala aos seus ouvintes sobre seu batismo, e de um personagem misterioso, que viria após, com um outro tipo de batismo.

Eu vos batizo [com] água, mas o que vem depois de mim é mais forte do que eu. Eu não sou digno de [desatar-lhe as sandálias]. Ele vos batizará com Espírito [santo] e fogo. Tem a pá em sua mão e limpará sua eira e recolherá o trigo no seu celeiro; a palha, porém, ele queimará em um fogo que não se apaga (Q 3,16b-17).⁵⁰

Para João, não é claro quem é esse “mais forte do que eu”, possivelmente algum agente messiânico, que iria levar ao cumprimento da missão iniciada pelo Batista, visto que ele não se considerava capaz de completar a obra escatológica, que depois o cristianismo interpretou como sendo Jesus.⁵¹

Em At 1,5, Jesus lembra aos apóstolos que João batizava com água, porém, eles seriam batizados com o Espírito Santo, Lucas aplica a profecia do futuro batismo ao Pentecostes, e o “fogo” poderia ser uma referência às línguas de fogo de Pentecostes (cf. At 2,3).⁵²

Pode-se resumir a imagem do Batista então, de acordo com a fonte Q, ele é apresentado como um “profeta que proclama o Juízo iminente a um Israel afastado, como povo, do bom caminho e rebelde

⁴⁸ Cf. SCHIMID, L'Evangelo Secondo Matteo, p. 81-82.

⁴⁹ Cf. MEIER, Un Judío Marginal, p. 59-60.

⁵⁰ OPORTO, Ditos Primitivos de Jesus, p. 94.

⁵¹ Cf. MEIER, Un Judío Marginal, p. 66-67.

⁵² Cf. MEIER, Un Judío Marginal, p. 67.

em seu extravio. Há um tom nefasto, ameaçador, na maior parte de sua mensagem, João é rigoroso até com as pessoas que vão até ele para serem batizadas”.⁵³

2.3 Evangelho de João

O evangelho de João é chamado de “evangelho espiritual”, porém se toda a bíblia é “espiritual”, esse adjetivo coube ao evangelho de João, por causa da profundidade de seu olhar, lançado sobre o mistério de Cristo, porém ele o faz de forma simples.⁵⁴

A finalidade do evangelho de João é expressa em seu final: *Por um lado, Jesus fez perante seus discípulos também outros sinais, os quais não estão escritos neste livro. Estes, porém, estão escritos para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais a vida em nome dele* (Jo 20,30-31).

Abordar-se-ão alguns temas chave no que tange à figura de João Batista, que no quarto evangelho, não recebe o cognome Batista, destacando algumas particularidades apresentadas pelo evangelista João.

2.3.1 O Batismo de Jesus e a missão de João Batista

O evangelho de João quando retrata a cena do encontro entre Jesus e João Batista, não coloca este último como o batizador do primeiro.

João viu com os próprios olhos o Espírito que descia sobre Jesus. Não se afirma que João batizou a Jesus, o fato fica na sombra; o evangelista não quer insinuar a mais momentânea subordinação de Jesus a João. Não descreve nenhuma relação direta entre ambos.⁵⁵

⁵³ MEIER, Un Judío Marginal, p. 72.

⁵⁴ Cf. JAUBERT, Annie. *Leitura do Evangelho Segundo João*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 7.

⁵⁵ MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. *O Evangelho de São João: Análise linguística e comentário exegético*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1999, p. 98.

Uma particularidade, em relação aos sinópticos, o redator do quarto evangelho não diz que o batismo de João é para o perdão dos pecados. O Batista apenas dá testemunho de Jesus – *Este é aquele acerca de quem eu disse: Após mim vem um homem que veio a ser superior a mim, porque era primeiro do que eu!* (Jo 1,30); e disse: *e eu vi, e testemunhei que este é o Filho de Deus* (Jo 1,34).

João disse ainda, acerca de Jesus algo que tem um significado muito relevante: *O que vem após mim, do qual eu não sou digno, sequer, de desatar-lhe a correia da alparca* (Jo 1,27).⁵⁶

No quarto evangelho a função de precursor fica em segundo plano. “A sua missão não é tanto de pregar ou de batizar quanto de testemunhar (cf. Jo 1,7-8.15)”.⁵⁷ João Batista já aparece logo no prólogo do quarto evangelho: Ἐγένετο ἄνθρωπος, ἀπεσταλμένος παρὰ θεοῦ, ὄνομα αὐτῷ Ἰωάννης· οὗτος ἦλθεν εἰς μαρτυρίαν ἵνα μαρτυρήσῃ περὶ τοῦ φωτός, ἵνα πάντες πιστεύσωσιν δι’ αὐτοῦ. οὐκ ἦν ἐκεῖνος τὸ φῶς, ἀλλ’ ἵνα μαρτυρήσῃ περὶ τοῦ φωτός. – *Houve um homem, enviado da parte de Deus; cujo nome era João. Este veio para testemunho, para que testemunhasse a respeito da luz, para que todos cressem, por meio dele. Aquele não era a luz, mas veio para dar testemunhar a respeito da luz* (Jo 1,6-8).

João cumpriu seu papel de testemunha, negando qualquer atribuição messiânica sobre si mesmo.⁵⁸ Por meio de seu testemunho, inicialmente, dois de seus seguidores se tornaram discípulos de Jesus, aceitando-o como mestre (cf. Jo 1,35-39).

⁵⁶ MATEOS; BARRETO, O Evangelho de São João, p. 90. O texto alude claramente à Lei judaica do levirato. [...] Quando alguém morria sem filhos, um parente devia casar-se com a viúva para dar filhos ao falecido. Se o que tinha o direito e a obrigação de fazê-lo não o fazia outro podia ocupar o seu lugar. A cerimônia para declarar a perda do direito consistia em desatar as sandálias (cf. Dt 23,5-10, Rt 4,6-7). Ao afirmar João que ele não pode tomar o lugar do que vem (cf. 1,15), anuncia este como Esposo. Nos termos simbólicos dos profetas, que com frequência apresentam a aliança como a união conjugal entre Deus e o povo (1,15 Leit.), o Esposo que chega anuncia a inauguração de aliança nova. É, portanto, o Messias (1,17), aquele a quem a profecia chamava de “o Senhor” (1,23).

⁵⁷ BUSSCHE, Henri Van Den. *Giovanni: Commento del vangelo spirituale*. 2. ed. Assisi: Cittadella, 1971, p. 121.

⁵⁸ Cf. BROWN; FITZMYER; MURPHY, Nuevo Comentario Bíblico San Jerónimo, p. 539.

2.3.2 Discípulos de Jesus

Diferentemente dos sinópticos, os primeiros discípulos de Jesus não eram pescadores, que deixaram seu trabalho para seguir Jesus, mas quiseram aguardar a vinda do YHWH Salvador junto ao Batista.⁵⁹

Os sinópticos situam o primeiro chamado dos discípulos durante o ministério desenvolvido por Jesus na Galileia. O quarto evangelista nos proporciona mais detalhes; os primeiros discípulos eram discípulos de João Batista e foram chamados quando se encontravam junto ao rio Jordão, antes que Jesus regressasse à Galileia. Em um determinado dia (*terceiro dia*), dois discípulos, André e outro cujo nome não é especificado (o discípulo amado?), seguem a Jesus e o reconhecem como Mestre. Um dia depois (provavelmente, já que ficaram com Jesus desde as 4 da tarde: *quarto dia*) [Jo 1,39], Simão é conduzido até Jesus, que é reconhecido como o Messias.⁶⁰

Os primeiros discípulos de Jesus o seguiram por indicação de João Batista, pois estes eram seguidores deste último. O Batista deu testemunho de Jesus, como o cordeiro de YHWH, tema que será abordado em seguida, e os discípulos [André e um outro] o aceitaram como mestre e o seguiram (cf. Jo 1,35-39). E posteriormente os novos discípulos levam outra pessoa [Simão, irmão de André] a Jesus, mediante sua confissão de fé em Jesus como o messias prometido (cf. Jo 1,40-42).⁶¹

⁵⁹ Cf. DUFOUR, Xavier Léon. *Leitura do Evangelho Segundo João*. São Paulo: Loyola, 1996, p. 147. Volume I.

⁶⁰ BROWN, Raymond E.. *El Evangelio y las Cartas de Juan*. Bilbao: Desclée de Brouwer, 2010, p. 44-45.

⁶¹ Cf. BROWN; FITZMYER; MURPHY, Nuevo Comentario Bíblico San Jerónimo, p. 540.

2.3.3 Cordeiro de Deus⁶²

O único elemento singularmente joanino é o título “Cordeiro de Deus”, que o Batista aplica a Jesus, junto com o título mais corrente de “Filho de Deus”. Esse título, [...] pelo menos em suas associações primeiras, é escatológico. O cordeiro com chifres ou carneiro é uma figura apocalíptica do líder divinamente designado do povo de Deus.⁶³

De acordo com Annie Jaubert, “a imagem do cordeiro, foi aplicada ao futuro chefe de Israel. YHWH faria crescer os chifres do frágil cordeiro e o transformaria em carneiro vencedor. Assim era evocada a desforra dos pobres e dos fracos em Israel. A imagem podia ser aplicada ao Messias futuro”.⁶⁴

Segundo Isidoro Mazzarolo, a definição de Jesus como “cordeiro” já supõe a função do cordeiro pascal no primeiro testamento. Pois, na celebração da páscoa eram dispostos dois cordeiros: um para ser sacrificado durante o rito cultual e outro era enviado ao deserto para ser devorado pelas feras, o *bode expiatório*⁶⁵, que era encharcado com sangue, em um ritual, e levava sobre suas costas todos os pecados do povo.⁶⁶ João usa um verbo [ἄρῶν] que significa ao mesmo tempo “levar, carregar,

⁶² GESS, J. Oveja. In: COENEN, Lothar; BEYREUTHER, Erich; BIETENHARD, Hans. *Diccionario Teológico del Nuevo Testamento*. Salamanca: Sígueme, 1990, p. 231. Volume III. No NT [Novo Testamento] Jesus é designado quatro vezes como *amnós* (Jo 1, 29.36; At 8, 32; 1 Pd 1,19). Em Jo 1,29.36 o Batista assinala a Jesus, [...] como ἄμνός τοῦ θεοῦ [*amnós tou theou*], *cordeiro de Deus*. Não se compara Jesus apenas com um cordeiro, mas Jesus é o cordeiro de Deus. [...] Indica a Is 53, assim como também a imagem do cordeiro pascal, podem ter motivado essa expressão. Com respeito a Is 53, Jeremias remete à palavra aramaica *thälliäh*, que não somente significa *cordeiro*, mas também *criado, servo*. O significado de *servo* faria inteligível o genitivo: Jesus, o servo de Yahvé. Daí se originaria, mais tarde, a possível (ainda que certamente não a original) tradução *amnós tou theou*.

⁶³ DODD, C.H. *A Interpretação do Quarto Evangelho*. São Paulo: Paulinas, 1977, p. 389.

⁶⁴ JAUBERT, *Leitura do Evangelho Segundo João*, p. 46.

⁶⁵ Cf. MAZZAROLO, Isidoro. *Evangelho de João*: “Nem aqui, nem em Jerusalém”. Rio de Janeiro: Mazzarolo, 2000, p. 57.

⁶⁶ Cf. MAZZAROLO, *Evangelho de João*, p. 57.

tomar nos ombros” e “levar embora, tirar”.⁶⁷

João Batista reconhece Jesus como cordeiro pascal, que tomando sobre si a culpa do povo, realizaria um ato libertador de uma vez por todas.⁶⁸

2.3.4 Conflito entre seus seguidores

O redator do quarto evangelho, já no prólogo, expõe uma série de negações a respeito de João Batista, que continuam no decorrer do texto: *Não era ele a luz* (cf. Jo 1,8); *Aquele que vem depois de mim passou à minha frente, porque antes de mim ele já existia* (cf. Jo 1,15); *Eu não sou o Cristo* (cf. Jo 1,20); Não é Elias, nem profeta (cf. Jo 1,21); não é o noivo (cf. Jo 3,29); deve diminuir e Jesus deve crescer (cf. Jo 3,30) e nunca realizou nenhum milagre (cf. Jo 10,41).⁶⁹

A marcante insistência que o Batista não era a luz, e o fato de destacar por duas vezes a função de testemunha que lhe é própria, deixa entrever que João quer chamar a todos quantos pretendiam tomar ao Batista por algo mais que o simples precursor de Jesus. Uma pretensão tal deveria ser corrente em círculos próximos à Igreja primitiva. Embasados em At 18,24-19,7 e em alguns documentos posteriores, podemos chegar à conclusão de que pela época em que foi composto o Evangelho existiam ainda discípulos do Batista, que lhe professavam veneração e que chegaram a constituir uma comunidade, ou espécie de seita, que levava seu nome. O melhor apoio a esta conclusão é oferecido pelo quarto Evangelho mesmo, já que nele se reage a cada passo contra uma exagerada estima pelo Batista.⁷⁰

A cisão no grupo batista, entre aqueles que aceitaram Jesus como o messias, e os que continuaram com João, pode ser aludida

⁶⁷ Cf. FABRIS; MAGGIONI, Os Evangelhos (II), p. 294.

⁶⁸ Cf. MAZZAROLO, Evangelho de João, p. 57.

⁶⁹ Cf. BROWN, R. E.. *A Comunidade do Discípulo Amado*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1984, p. 72.

⁷⁰ WIKENHAUSER, Alfred. *El Evangelio Según San Juan*. Barcelona: Herder, 1967, p. 69.

pela passagem, onde João ainda não havia sido encarcerado, e os discípulos reclamam ao Batista: “Mestre, aquele que estava contigo do outro lado do Jordão, e de quem tu deste testemunho, está batizando, e todos vão a ele” (cf. Jo 3,26).⁷¹

2.4 Conclusão

Um dos relatos bíblicos que aparece nos evangelhos, com grande possibilidade de ser autêntico, é o encontro entre João Batista e Jesus, quando Jesus foi ao deserto e acorreu ao Batista para ser batizado. De forma sintética, podemos analisar este momento, utilizando as palavras do historiador francês Jacques Duquesne, que faz uma sinopse desse episódio:

O texto de João, que descreve o encontro entre Jesus e João Batista, o resolve deixando de falar do batismo. Lucas fala, mas não cita quem o batiza; João Batista é simplesmente ignorado: “Ao ser batizado todo o povo e quando Jesus, depois de batizado” – por quem? Mistério... E Mateus, por sua vez, se esqueceu de lembrar que João batizava para a remissão dos pecados.⁷²

Esse episódio é o ponto de partida, onde vai se desenvolver todo o testemunho do Batista em favor de Jesus e depois a tomada de consciência de sua missão, partindo para sua missão independente. João Batista é identificado como o novo Elias (cf. Mt 17,10-13 e Lc 1,17), aquele que devia vir para preparar a chegada do messias (cf. Ml 3,1), opinião que não é compartilhada pelo quarto evangelho, que inclusive nega essa interpretação (cf. Jo 1,21).

Os quatro evangelistas tomam a passagem de Isaías 40,3 para indicar o Batista como o precursor do messias (cf. Mt 3,3; Mc 1,2; Lc 3,4; Jo 1,23), aquela voz que grita no deserto, preparando o caminho para a vinda de Jesus, e que para o evangelista João, além

⁷¹ Cf. JAUBERT, *Leitura do Evangelho Segundo João*, p. 7.

⁷² DUQUESNE, Jacques. *Jesus: A verdadeira história*. 3. ed. São Paulo: Semente, 2005, p. 96.

de precursor, é também testemunha (cf. Jo 1,5-13).

O que não se pode perder de vista, quando se fala da relação entre João e Jesus nos evangelhos, é que já se trata de uma interpretação cristã dos fatos, portanto, apologética, há sempre o esforço de eliminar qualquer sinal de subordinação de Jesus com relação ao Batista. Portanto, para se analisar os evangelhos, é necessário levar em consideração o “lugar vivencial” em que foram escritos:

“Lugar vivencial” é uma expressão que procura reproduzir as palavras alemãs “Sitz im Leben”. *Sitz* significa “lugar/assento” e *im Leben* quer dizer “na vida”. Literalmente “Sitz im Leben” significa, pois, “lugar na vida” = “lugar vivencial”. Alguns autores preferem outras traduções, como “lugar de origem”, “situação geratriz”, “ambiente vital” ou “contexto histórico”.⁷³

Esse lugar vivencial é que define a situação e a finalidade de cada escrito, que tem uma dimensão comunitária e social, sendo que a realidade dos evangelhos é sempre a representação do cristianismo primevo, isso vai definir a orientação dos escritos, visando a transmissão de ideias, defendendo o ideal cristão que estava nascendo e sendo construído.⁷⁴

No caso dos evangelhos, o personagem principal e a mensagem a ser transmitida é Jesus Cristo, tudo estará relacionado a ele. Nesse aspecto, a relação de João com Jesus é uma relação de dependência. A vida do Batista, desde o ventre materno (de acordo com o evangelho de Lucas), até a sua morte e toda a sua missão está em detrimento da preparação para a chegada de Jesus na esfera pública, tendo como função testemunhar a presença do Filho de YHWH.

⁷³ WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: Manual de metodologia*. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 1998, p. 171.

⁷⁴ Cf. WEGNER, *Exegese do Novo Testamento*, p. 171.

CAPÍTULO 3

A MISSÃO DE JESUS COMO CONTINUIDADE E DESCONTINUIDADE COM A MISSÃO DO BATISTA

Neste terceiro capítulo será abordada a missão de João Batista e Jesus, destacando pontos de continuidade e descontinuidade entre eles. Essa análise será realizada baseando-se em duas dimensões: o reino de YHWH e a concepção de messias, pontos fortes na vida dessas duas figuras. Pontos estes que apresentam concordância e divergência, entre as concepções de João e de Jesus, até que este último chegue à sua autonomia e “independência” missionária, se tornando um profeta itinerante.

3.1 Reino de YHWH/ Reino dos Céus¹

Iniciemos, então, pela concepção de reino de YHWH dos judeus, no primeiro testamento, onde a expressão reino de YHWH, de forma literal, só é encontrada uma única vez em Sb 10,10. Porém, no geral, quando se leva em consideração a realeza de YHWH, Ele é designado como “rei” cerca de trinta vezes (Ex 15,18; Nm 23,21; Dt 33,5; 1Sm 8,7; 12,12; Sl 24; 29; 68; Jr 8,19; Is 6,5), onde provavelmente o texto mais antigo seja o de Is 6,5.²

Há também outros equivalentes: “reino de YHWH” (1Cr 28,5; 2Cr 13,8), “meu reino”, “vosso reino” e “seu reino” (equivalente a “de YHWH”), (1Cr 17,14; Tb 13,2; Sl 103,19; Sl 145,13; Sb 6,4; Dn 3,33; Dn 4,33; 1Cr 29,23; 2Cr 9,8).³

¹ VV.AA. *Evangelio y Reino de Dios*. Navarra: Verbo Divino, 1995, p. 33. É raro que Mateus utilize a expressão “reino (ou reinado) de Deus”. Só é encontrada quatro vezes em seu texto (Mt 12,28; 19,24; 21,31.43). Ordinariamente fala de “reino (ou reinado) dos céus”. Geralmente se atribui este costume literário ao ambiente impregnado de judaísmo que pertence o redator e para quem escreve: se evita por respeito pronunciar o nome divino. [...] Provavelmente não há nenhuma diferença de sentido entre as duas expressões (Tradução pessoal).

² Cf. SCHLOSSER, Jacques. Reino de Deus. In: LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas; Petrópolis: Vozes, 2004, p. 1500.

³ NELIS, J. Reino de Deus. In: BORN, A. Van Den. *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1992, p 1290.

De acordo com Schnackenburg, a ideia da realeza de YHWH possuía dois aspectos: o senhorio protetor de YHWH sobre o seu povo e o domínio sobre o universo.⁴ Essa ideia consiste na soberania de YHWH, que se opõe a qualquer tipo de domínio opressor. Isso é consequência de seu monoteísmo e da sua fé na criação.⁵ E essa convicção ficou mais forte nos períodos do exílio e pós exílio.

O anúncio de um reinado futuro de YHWH é alimentado pela esperança de um reino escatológico, e isso se deu pela situação calamitosa de Israel, onde o domínio estrangeiro fez com que fossem perdidos os costumes, a terra e as instituições. Os israelitas viviam sob o regime de escravidão. Diante dessa situação, pareceu que YHWH havia deixado de lado o povo eleito. Essa manifestação futura de YHWH seria para Israel a sua libertação e renovação.⁶ Assim, desenvolveu-se no seio do povo israelita essa esperança de um reinado futuro de YHWH, com a finalidade de mudar os rumos da história, recuperando assim, a sua eleição como povo e o domínio de YHWH sobre todas as nações.

Certo que em suas promessas reservam um lugar ao rei futuro, o Messias, filho de Davi. Mas o tema da realeza de Javé reveste neles uma importância muito maior, sobretudo a partir do fim do exílio. Javé, como um pastor, vai ocupar-se em pessoa de seu rebanho para salvá-lo, para reuni-lo e devolvê-lo à sua terra (Mq 2,13; Ez 34,11ss; Is 40,9ss). A boa nova por excelência que se anuncia a Jerusalém é: “Teu Deus reina” (Is 52,7; cf. Sf 3,14s). E se prevê uma extensão progressiva deste reinado sobre a terra inteira: de todas as partes virão gentes à Jerusalém para adorar ao rei Javé (Zc 14,9; Is 24,23).⁷

⁴ Cf. SCHNACKENBURG, Rudolf. Reino de Deus. In: BAUER, Johannes B. *Dicionário de Teologia Bíblica*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1983, p. 948. Volume 2.

⁵ Cf. SCHNACKENBURG, Reino de Deus, p. 948.

⁶ Cf. VIDAL, Jesús el Galileo, p. 111.

⁷ DEVILLE, Raymond; GRELOT, Pierre. Royaume. In: DUFOUR, Xavier Léon. *Vocabulaire de Théologie Biblique*. Paris: Les Éditions du Cerf, 1966, p. 952.

A chegada do reino (reinado) de YHWH está em profunda ligação com a espera messiânica, pois a chegada do messias é motivo de grande transformação deste mundo. É ele quem vai instaurar o Reino, que, de acordo com o primeiro testamento, é uma realidade social.

A esperança na manifestação definitiva da soberania de Deus não significou em Israel a espera de um mundo transcendente, que surgiria depois da destruição deste, mas, a espera da renovação deste mundo histórico, criado e governado pelo Deus criador.⁸

A missão de João Batista consiste então na preparação da vinda do messias, para a instauração do reino de YHWH. Isso é demonstrado em Mt 3,2 – [καὶ] λέγων· μετανοεῖτε· ἡγγικεν γὰρ ἡ βασιλεία τῶν οὐρανῶν. – e dizendo: “*mudai de mentalidade: porque acabou de chegar o reino dos Céus*”. O povo estava sem rumo, os profetas e sacerdotes já não cumpriam a sua missão (Os 4,1-8). Esses líderes eram parasitas, viviam à custa dos trabalhadores. Por esse motivo, João Batista rompe com o Templo, seguindo para o deserto, com o intuito de alertar aquelas pessoas que eram engolidas pela sociedade.⁹

João assumiu a postura enérgica dos profetas, indignados com as injustiças e mentiras. Para acolher o reino dos Céus vindouro, se fazia necessário a conversão, era preciso a mudança de postura para transformar a morte em vida, para que acontecesse a libertação.¹⁰ O Batista tinha convicção do seu papel, que era o de preparar o povo, para o advento do reino dos Céus e do messias; sua função era preparar o caminho de outrem, que levaria ao fim a sua missão; e é a partir daí, que entra, em cena, Jesus de Nazaré.

⁸ VIDAL, Jesús el Galileo, p. 110-111.

⁹ Cf. MAZZAROLO, Isidoro. *Evangelho de Mateus: Ouvistes o que foi dito aos antigos...? Eu porém vos digo! Coisas velhas e coisas novas!* Rio de Janeiro: Mazzarolo, 2005, p. 49.

¹⁰ Cf. MAZZAROLO, Evangelho de Mateus, p. 48.

O reino de YHWH ocupa o lugar central na vida e missão de Jesus. Quando João Batista foi preso, Jesus iniciou seu ministério público na Galileia, dando continuidade à pregação do reino de YHWH, só que apresentando uma novidade, pois já acontece a irrupção do Reino: καὶ λέγων ὅτι πεπλήρωται ὁ καιρὸς καὶ ἤγγικεν ἡ βασιλεία τοῦ θεοῦ· μετανοεῖτε καὶ πιστεύετε ἐν τῷ εὐαγγελίῳ. – *dizendo: o tempo se cumpriu e aproximou-se o reino de YHWH; convertei-vos e crede na Boa-Nova* (Mc 1,15).

“Completou-se o tempo do reino de YHWH. Até agora tinham sido necessárias outras etapas, o tempo da expectativa, o tempo do silêncio, da maturação, da preparação e da passagem entre o tempo de João e o tempo do Messias”.¹¹ O tempo aqui não significa aquele que é marcado no relógio, no calendário (κρὸνος), tem a ver com uma situação, algo que já está caminhando para a sua plenitude, algo que está se concretizando (καιρὸς).

O tempo de João não era uma questão cronológica, mas uma missão a ser desenvolvida, um objetivo a ser alcançado, um anúncio a ser difundido no coração do deserto humano e geográfico. O tempo (kairós) do Reino de Deus também não estava na dimensão do transcurso de dias a mais ou a menos, era mais uma situação existencial propícia.¹²

O Reino chega com a manifestação pública de Jesus. A mensagem fundamental de Jesus é o anúncio de um reinado escatológico e iminente. Já se faz presente, salvífico¹³, “este Reino manifesta-se claramente aos homens nas palavras, nas obras e na presença de Cristo” (LG 5).¹⁴ Jesus apresenta o Reino futuro em

¹¹ MAZZAROLO, Isidoro. *Evangelho de Marcos: Estar ou não com Jesus*. Rio de Janeiro: Mazzarolo, 2004, p. 57.

¹² MAZZAROLO, *Evangelho de Marcos*, p. 57.

¹³ Cf. SCHNACKENBURG, *Reino de Deus*, p. 952.

¹⁴ DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II, p. 105.

uma dupla dimensão: como evento futuro e realidade presente¹⁵, ele próprio é o Reino, à luz de João.

O objetivo de Jesus não é o aperfeiçoamento da religião judaica, e sim a implantação do Reino, buscando assim, a vida, a justiça e a paz. Ele nunca se preocupou em detalhar o significado de Reino de Deus.¹⁶ “A acolhida do Reino de Deus começa no interior das pessoas em forma de fé em Jesus, mas se realiza na vida dos povos, na medida em que o mal vai sendo vencido pela justiça salvadora de Deus”.¹⁷ Quando, *interrogado pelos fariseus sobre quando chegaria o reino de YHWH, respondeu-lhes: O reino de YHWH não vem com aparência exterior. Nem dirão: Ei-lo aqui, ou: Ei-lo ali; pois o reino de YHWH está no meio vós* (Lc 17,20-21).

Com isso, Lucas quer dizer que a manifestação do reinado é imprevisível e não é acompanhada de nenhum tipo de sinal extraordinário (externo à história humana), que se possa detectar sua presença.¹⁸ O Reino já é uma realidade presente, está “entre vós” na pessoa de Jesus, em sua proclamação e em sua atuação taumatúrgica.¹⁹

A diferença do primeiro para o segundo testamento é que o primeiro anuncia e prepara o povo para um Reino que ainda está para chegar, enquanto no segundo, já é anunciado e oferecido o Reino que já se faz presente, ainda que seja revestido pela fé e não seja manifesto com a glória e o poder terrenos.²⁰ Ao se tratar do Reino, o que se encontram são sinais de sua chegada, pois o mais importante em sua instauração é a humanização e a vida digna, extirpando-se tudo o que causa sofrimento e dor.

¹⁵ Cf. SCHNACKENBURG, Reino de Deus, p. 953.

¹⁶ Cf. PAGOLA, Jesús, p. 88-89.

¹⁷ PAGOLA, Jesús, p. 95.

¹⁸ Cf. FITZMYER, El Evangelio Segun Lucas, p. 812.

¹⁹ Cf. FITZMYER, El Evangelio Segun Lucas, p. 814.

²⁰ Cf. GALILEA, Segundo. *El Reino de Dios y la Liberación del Hombre*. Bogotá: Paulinas, 1985, p. 11.

Não é somente Herodes o ímpio, nem a família sacerdotal de Caifás a corrupta. Não são só os grandes latifúndios os opressores, nem os arrecadadores de impostos os únicos malvados. Há “algo” mais. O Império romano escravizando o povo, o funcionamento interessado do templo, a exploração dos camponeses, por meio de tributos e impostos, a interpretação interesseira da lei por parte de alguns escribas: tudo parece estar alimentado e dirigido pelo poder misterioso do mal.²¹

Todo o povo então, a sociedade e suas estruturas necessitavam de conversão, para que realmente a justiça e a paz quista por Deus pudesse ser motivo de vida plena para todos. E isso só seria possível quando YHWH fosse reconhecido como Juiz de toda a terra e de todos os povos.²² O grande Juízo de YHWH seria responsável pela purificação do povo e de suas instituições, e só assim seria possível a concretização da paz e da vida plena, somente com a renovação do povo pelo espírito de YHWH.²³ A transformação de Israel era imprescindível para a implantação do Reino.

Sendo assim, da parte de Jesus, o que pôde ser percebido foram sinais da instauração do reino de YHWH. Isso era perceptível, principalmente, nas expulsões de demônios, mostrando a superioridade do poder de Deus sobre o mal (Mc 3,27), também nos milagres e sinais operados por Jesus, mostrando assim que o reino de YHWH era a concretude da libertação, porque combatia o poder do mal, o poder que oprimia.²⁴ Dentre esses sinais estão:

a) curas: cura de um paralítico (Mt 9,1-8; Mc 2,1-12; Lc 5,17-25; Jo 4,46-54), cura de cegos (Mt 9,27-31; 20,29-33; Mc 10,46-52; Lc

²¹ PAGOLA, Jesús, p. 97.

²² Cf. VIDAL, Los Tres Proyectos de Jesús, p. 145.

²³ Cf. VIDAL, Jesús el Galileo, p. 56.

²⁴ Cf. PAGOLA, Jesús, p. 101.

18,35-43; Jo 9,1-7), cura de uma mulher hemorroíssa (Mt 9,20-22; Mc 5,25-34; Lc 8,43-48), cura de leproso (Mt 8,1-4; Mc 1,40-44; Lc 5,12-14), cura do servo do centurião romano (Mt 8,51-3; Lc 7,1-10; Jo 4,46-54), cura da sogra de Pedro (Mt 8,14; Mc 1,32-34; Lc 4,38-39), curas e exorcismos (Mt 8,16-17; Mc 1,32-34; Lc 4,40-41), cura de um possesso mudo (Mt 9,32-34; Lc 11,14-15), cura do homem da mão paralisada (Mt 12,9-14; Mc 3,1-6; Lc 6,6-11), curas em Genesaré (Mt 14,34-36; Mc 6,53-56), cura da filha da mulher cananea (Mt 15,21-28; Mc 7,24-30), curas junto ao lago (Mt 15,29-31; Mc 7,31) e a cura de um epilético (Mt 17,14-21; Mc 9,14-29; Lc 9,37-43).

b) exorcismos: os endemoninhados gadarenos (Mt 8,28-34; Mc 5,1-20; Lc 8,26-39), expulsou sete demônios de Maria Madalena (Mc 16,9; Lc 8,2).

c) ressurreição de mortos: filha de Jairo (Mt 9,18-19.23-26; Mc 5,22-23.35-43; Lc 8,41-42.49-56); filho da viúva de Naim (Lc 7, 11-17) e Lázaro (Jo 11,1-44).

d) e ainda outros: transformação da água em vinho, nas bodas de Caná (Jo 2,1-11), multiplicação dos pães (Mt 14,13-21; 15,32-39; Mc 6,30-44; 8,1-10; Lc 9,10-17; Jo 6,1-15), tempestade acalmada (Mt 8,23-27; Mc 4,31-41; Lc 8,23-25).²⁵

Levando-se em consideração as atitudes de Jesus, pode se afirmar sobre o reino de YHWH: é dos pobres (cf. Mt 5,3; Lc 4,18), crianças (cf. Lc 18,16-17) e pecadores (cf. Mt 9,10-13). E mais, Jesus fazia refeições com publicanos e pecadores (cf. Mt 9,10-11), e disse: *“em verdade vos digo que os publicanos e as meretrizes entram adiante de vós no reino de Deus”* (Mt 21,31), mostrando assim o

²⁵ Apresentamos aqui a nossa pesquisa pessoal, de uma coletânea de passagens bíblicas onde aparecem os milagres realizados por Jesus (curas, exorcismos, ressurreição de mortos e outros).

propósito e a “face” de YHWH, pois Ele é misericordioso, ama e perdoa. O Reino é para todos, mas de forma especial, Jesus chama os pecadores e excluídos, humanizando-os, devolvendo-lhes a vida e a dignidade (Mt 9,13).

Diante dos dois extremos (presente e futuro), o reino é uma realidade dinâmica, sempre em crescimento (Mt 13,31-32; Mc 4,30-32; Lc 13,18-19). Se trata do “já”, e do “ainda não”.

Portanto, a diferença entre João Batista e Jesus no tocante ao reino de YHWH, é que o anúncio do Batista é de algo que está próximo, ainda por vir. Sua missão foi, então, preparar o povo de Israel para acolher a Boa-Nova. Ao passo que o anúncio jesuânico é sobre algo que já chegou, com Jesus o reino de YHWH já irrompe na história da humanidade, é algo que está e que vai acontecendo, por ele já se fazer presente. O Reino é a própria pessoa de Jesus, ele é a Boa-Nova esperada. Em suas palavras e ações, o Reino acontece de fato.

3.2 As Concepções messiânicas

Intimamente ligada à mensagem de difusão do reino de YHWH está a expectativa messiânica. Existiam várias manifestações dessa expectativa, onde o povo esperava “vários” tipos de figuras messiânicas, cada qual conforme suas necessidades e conveniências.

A escatologia judaica dá destaque à espera do messias, régio em todas as partes, sacerdotal em alguns ambientes. Porém, as promessas encontradas nas Escrituras não se reduzem a este messianismo no sentido literal da palavra, relacionado com frequência com sonhos de restauração temporal. Anunciam, igualmente, a instauração do reino de YHWH. Apresentam o agente da salvação sob os traços do Servo de YHWH e do Filho do Homem. A espera do messias não ocorre de forma clara.²⁶

²⁶ Cf. BONNARD, Pierre-Émile; GRELOT, Pierre. Messie. In: DUFOUR, Xavier Léon. *Vocabulaire de Théologie Biblique*. Paris: Les Éditions du Cerf, 1966, p. 611.

Naquele tempo, havia entre os judeus uma grande variedade de expectativas messiânicas. De acordo com as diferentes interpretações das profecias, havia gente que esperava um Messias Rei (Mc 15,9.32). Outros esperavam um Messias Santo ou Sumo Sacerdote (Mc 1,24). Outros ainda, um Messias Guerrilheiro subversivo (Lc 23,5; Mc 15,6; 13,6-8); um Messias Doutor (Jo 4,25; Mc 1,22.27); um Messias Juiz (Lc 3,5-9; Mc 1,8); um Messias Profeta (Mc 6,4; 14,65). Cada um, conforme seus interesses próprios ou classe social, aguardava o Messias, encaixando-o nos seus próprios desejos e expectativas. Porém, apesar das diferenças, todos eles esperavam um messias glorioso e soberano. Ao que parece, ninguém, a não ser os anawim, os pobres de Javé, esperavam o Messias humilde e servidor, anunciado pelo profeta Isaías.²⁷

Porém, João aparece no Jordão, distante das cidades, como um profeta e predicador da penitência e do Juízo iminente de Deus. Exorta a todo o povo, inclusive os que se consideram justos, a uma conversão radical, que implica não somente perfeição moral, mas também a renúncia da segurança religiosa, a fim de poder escapar do juízo iminente de YHWH.²⁸

E, vendo muitos fariseus e saduceus que vinham para ser batizados, disse-lhes: Raça de víboras, quem vos ensinou a fugir da ira futura? Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento; E não presumais, dizendo dentro de vós: Temos por pai Abraão; digo-vos que, destas pedras YHWH pode suscitar filhos a Abraão. O machado já está preparado para cortar as árvores pela raiz: toda árvore que não produz bom fruto será cortada e lançada ao fogo.²⁹

A pregação de João Batista é dirigida aos fariseus e saduceus, chamados à mudança radical de vida, em detrimento da

²⁷ MESTERS, Carlos. *Jesus Formando e Formador*. São Leopoldo: CEBI, 2012, p. 76.

²⁸ Cf. VIRGULIN, S.. Juan Bautista. In: ROSSANO, P.; RAVASI, G.; GIRLANDA, A. *Nuevo Diccionario de Teología Bíblica*. Madrid: Paulinas, 1990, p. 935-936.

²⁹ Mt 3,7-10.

espera da intervenção definitiva de YHWH. Eles não devem estar acomodados sob sua ascendência judaica, como algo suficiente para serem protegidos da ira divina, pois o tempo é escasso. Para o julgamento o que contará serão as boas ações, e não a pertença a uma raça ou etnia.³⁰ “De nada servem os privilégios baseados na raça, na eleição divina ou na tradição religiosa. O que YHWH exige é uma adesão pessoal e concreta à sua vontade”.³¹

Tem na mão (uma) pá, para limpar a eira: ajuntará no celeiro o seu grão e queimará a palha com (um) fogo inextinguível (Mt 3,12). A mensagem do Batista consistia em destacar a ira de YHWH e a sua vingança. A preparação para esperar tamanha desforra divina seria:

Retomando o Êxodo, atravessando o deserto e passando pelo Jordão rumo à Terra Prometida. Mas, acima de tudo, abandonando os pecados nas águas purificadoras do rio. Seria estabelecido, então, um povo santo, para que, quando o Deus vingador chegasse, percessem os maus e se salvassem os justos. Possivelmente, só depois disso viria o esperado apocalipse da vingança e ocorreria a libertação.³²

A missão do Batista consistia, então, em retomar o êxodo, resgatando os penitentes do deserto, através do Jordão, conduzindo-os à terra prometida, para que pudessem retomá-la em santidade.³³ João Batista aguardava a vinda de um messias que viesse estabelecer um julgo sobre o povo de Israel. Porém, a maneira com que Jesus foi se autorrevelando como messias, mostrou mais a face da misericórdia divina (Mt 9,13).

³⁰ Cf. HARRINGTON, Daniel J.. Mateus. In: BERGANT, Dianne, CSA; KARRIS, Robert J., OFM (Organizadores). *Comentário Bíblico*. 5. ed. Loyola: São Paulo, 2010, p. 15. Volume III.

³¹ VIRGULIN, Juan Bautista, p. 936.

³² CROSSAN, John Dominic; REED, Jonathan L.. *Em Busca de Jesus: Debaxo das pedras, atrás dos textos*. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 153.

³³ Cf. CROSSAN; REED, Em Busca de Jesus, p. 153.

Carlos Mesters apresenta três títulos, com os quais Jesus mais se identificou, expressando assim a sua missão: Filho do Homem, servo de YHWH e resgatador. Essas três “fotografias” podem ser encontradas em Mc 10,45 – καὶ γὰρ ὁ υἱὸς τοῦ ἀνθρώπου οὐκ ἤλθεν διακονηθῆναι ἀλλὰ διακονῆσαι καὶ δοῦναι τὴν ψυχὴν αὐτοῦ λύτρον ἀντὶ πολλῶν. – *Porque o Filho do homem também veio não para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos.*³⁴ A partir dessa visão, explicitaremos então cada um desses retratos que compõem a figura messiânica de Jesus:

a) Filho do Homem: é o título que Jesus utilizou constantemente para referir-se a si mesmo, os outros nunca utilizaram para se referir a ele (cf. Mc 2,10.28; 8,31; 9,9.12.31; 10,33.45; 13,26; 14,21.62).³⁵ “Jesus Cristo [...] revelou algo que nenhum profeta havia anunciado. A manifestação de Deus cumpria-se nele, na sua pessoa de Messias prometido: o Infinito e Eterno adquiria semblante e voz humana, tornando-se ‘Filho do Deus vivo’ no carpinteiro de Nazaré”.³⁶

b) servo de YHWH: esse título é retirado dos cinco cânticos de Isaías (cf. Is 42,1-9; 49,1-6; 50,4-9; 52,13-53,12; 61,1-3), e é aplicado ao Filho do Homem (cf. Mc 8,31; 9,31; 10,33).³⁷

A proclamação apostólica aplicou a Jesus o título de servo para anunciar o mistério de sua morte (At 3,1-18; 4,27-30), fonte de bênçãos e de luz para as nações (At 3,25-26; 26,23). Jesus, o cordeiro imolado injustamente como o servo (At 8,32-33), salvou

³⁴ Cf. MESTERS, Carlos. *Jesus Formando e Formador*, p. 73-74.

³⁵ Cf. MESTERS, Jesus Formando e Formador, p. 74.

³⁶ MIEN, Aleksandr. *Jesus, Mestre de Nazaré: A história que desafiou 2.000 anos*. São Paulo: Cidade Nova, 1998, p. 170.

³⁷ Cf. MESTERS, Jesus Formando e Formador, p. 76.

suas ovelhas desgarradas; as chagas de seu corpo curaram as almas dos pecadores (I Pd 2,21-25).³⁸ Lucas coloca lado a lado Jesus e o servo de YHWH, de Isaías, cumprindo-se assim a profecia do primeiro testamento em Jesus (Lc 4,18-21; Is 61,1-2).

Lc 4,18-21	Is 61,1-2
<p><i>O Espírito do Senhor está sobre mim. Porque me ungiu, para dar uma boa notícia aos pobres. Enviou-me a curar os quebrantados do coração, a pregar liberdade aos cativos, e a restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, para anunciar o ano da salvação da parte do Senhor. E, enrolando o volume, e entregando ao assistente, sentou-se. Os olhos de todos na sinagoga estavam fitos nele. Então começou a dizer: Hoje se cumpriu esta passagem da Escritura que acabais de ouvir.</i></p>	<p><i>O Espírito do Senhor Deus está sobre mim; porque o Senhor me ungiu, para anunciar a boa notícia aos mansos; enviou-me a restaurar os contritos de coração, a proclamar liberdade aos cativos, e a abertura de prisão aos presos; A pregar o ano da salvação da parte do Senhor e o dia da vingança do nosso Deus; a consolar todos os entristecidos;</i></p>

c) resgatador (goêl): tem como função resgatar e acolher os excluídos. No primeiro testamento, se alguém ficasse pobre ou endividado, perdesse tudo e se tornasse escravo, o irmão mais velho ou parente mais próximo (*goêl*) devia resgatar essa pessoa, para o restabelecimento da família (Lv 25,23-55; Dt 15,7-11). Para os primeiros cristãos Jesus era esse irmão mais velho ou parente próximo (cf. Gl 2,20; Fl 2,6-11).³⁹

O resgate, ou redenção na linguagem cristã consiste no retorno da criação ao caminho traçado por YHWH. Porque ela é refém do mal. De acordo com Paulo, a criação “sofre e geme à espera da manifestação dos filhos de Deus”. O homem redimido

³⁸ Cf. BONNARD; GRELOT, Messie, p. 613.

³⁹ Cf. MESTERS, Jesus Formando e Formador, p. 78.

não é embargado da Criação, mas a precede no caminho para os “céus novos e a terra nova”.⁴⁰

“O Filho do Homem se caracteriza pela humanidade; o Servo de Deus, pelo serviço; o Redentor, pela acolhida aos excluídos. Humanizar, Servir, Acolher. São os três traços principais por onde Deus nos revela o seu rosto em Jesus e nos atrai para si”.⁴¹

Porém, o discurso escatológico de Jesus não contém só a misericórdia divina, também possui traços marcados pelo juízo de Deus, como demonstra Theissen/Merz:

Jesus, com sua pregação e conduta, introduziu a salvação escatológica, o reino de Deus, na vida cotidiana dos ouvintes [...]. A resposta adequada seria que estes acolheram com alegria o dom divino como um tesouro ou uma pérola encontrados inesperadamente (Mt 13, 44-46); deviam celebrar o momento presente como tempo de salvação escatológica, ao invés de jejuar como se Deus estivesse distante (Mc 2,18ss), e levar uma vida em consonância com a pregação de Jesus. Em suma (cf. Mc 1, 15), a chegada venturosa do reino de Deus devia frutificar em uma conversão (“*metanóia*”). Mas, para aqueles que não aceitavam a salvação, o anúncio desta se transformava em anúncio de perdição.⁴²

Os autores ainda abordam alguns pontos da justiça divina, contida nas palavras de Jesus, e exemplificam com narrações dos evangelhos. Podem ser percebidas algumas condições para aqueles que almejam entrar no reino de YHWH, e o que não se pode fazer para não ser penalizado pela justiça divina:

a) somente alcançam o reino de YHWH os que cumprem determinadas condições, a saber: em Mt 7,21: os que fazem a

⁴⁰ Cf. MIEN, Jesus, Mestre de Nazaré, p. 173.

⁴¹ MESTERS, Jesus Formando e Formador, p. 79-80.

⁴² THEISSEN; MERZ, El Jesús Histórico, p. 300.

vontade do Pai; Mt 19, 23-30: os dispostos a abandonar as riquezas;

b) o dito sobre a união das nações (Mt 8,11s/ Lc 13, 28s);

c) a parábola do grande banquete (Lc 14,16-24/ Mt 22,1-4/ EvT 64), os primeiros convidados se negam a participar do Reino;

d) a recriminação das cidades da Galileia (Lc 10,13-15/ Mt 11,21-24), Jesus anuncia o castigo sobre Corazín, Betsaida e Cafarnaum por não haverem se convertido com os milagres que realizou nelas;

e) no duplo dito Q sobre o reino do sul e os ninivitas (Mt 12,41-45/ Lc 11,31-32), a atitude ante a predicação sapiencial e penitencial de Jesus é o critério de condenação “desta geração”. Em Mc e Q, a recusa do anúncio do reino de YHWH e dos prodígios que o acompanham leva também à condenação quando são os discípulos de Jesus que predicam e curam (Mc 6,7-13; Mt 10,14/ Lc 9,5; Lc 10,10-20);

f) a parábola do credor impiedoso (Mt 18,23-35) ensina que a salvação oferecida se transforma em condenação se os homens não correspondem ao perdão que YHWH lhes concede.⁴³

Segundo, Theissen/Merz, no anúncio de Jesus sobre o juízo é fundamental o fato de ser um anúncio para a conversão e ter como objetivo prevenir o castigo anunciando-o antecipadamente, para salvar aos ameaçados de condenação. Não é por acaso que Jesus se compara com o profeta Jonas (Mt 12,41), um profeta cuja mensagem de castigo levou à conversão da cidade de Nínive. O anúncio do castigo não é definitivo.⁴⁴ O juízo que acompanha a

⁴³ Cf. THEISSEN; MERZ, *El Jesús Histórico*, p. 300-301.

⁴⁴ Cf. THEISSEN; MERZ, *El Jesús Histórico*, p. 301.

realeza de YHWH consiste, sobretudo, na autoexclusão daqueles que não se convertem nem cumprem as condições para a entrada no Reino.

3.3 Jesus: um profeta itinerante autônomo

Tudo começou com a prisão de João Batista. Jesus iniciou sua missão de forma autônoma, quando ficou sabendo dessa notícia: Ἀκούσας δὲ ὅτι Ἰωάννης παρεδόθη ἀνεχώρησεν εἰς τὴν Γαλιλαίαν. – *Jesus, porém, ouvindo que João estava preso, voltou para a Galileia* (Mt 4,12).

A diferença da missão de Jesus para com a de João Batista já se deu pela escolha do local onde foi desenvolvida. Enquanto João predicava no deserto, junto ao rio Jordão, Jesus teve como centro de sua missão a cidade de Cafarnaum. “Os habitantes de Cafarnaum são gente modesta. A maioria são camponeses que vivem do que é produzido nos campos e nas vinhas da vizinhança, mas a maioria vive da pesca”.⁴⁵

Cafarnaum é onde Jesus permanece por mais tempo. Ele não se instala em Cafarnaum, porque tem como objetivo a difusão do reino de YHWH por toda a partes. Provavelmente, tenha deixado Nazaré por não ter sido bem aceito lá (Mc 6,1-6).

O fato de Jesus ter deixado sua família e seu trabalho, não participando do sustento da casa, é algo escandaloso. Ele contrariou os costumes judaicos, de constituir uma família e viver em pequenas comunidades compostas por parentes próximos. Ao abandonar o clã (do ponto de vista judaico) Jesus se torna um errante. Moralmente, ele se tornou desonrado, desonrando também sua família. Tudo indica que Jesus tenha sido motivo de vergonha para sua família, explicando-se assim o seu rechaço em Nazaré, e a tentativa de resgate por parte de seus parentes.⁴⁶

⁴⁵ PAGOLA, Jesús, p. 84.

⁴⁶ Cf. BARBAGLIO, Jesús Hebreo de Galilea, p. 377.

A família de Jesus (cf. Mc 3, 20s.31-35), a mãe, os irmãos e irmãs vão até ele para levá-lo embora, alegando um possível distúrbio mental. Porém, Jesus se esquivava deles, e propõe uma nova concepção do que seja família [*Familia Dei*]: “O que cumpre a vontade de Deus, esse é meu irmão e irmã e mãe” (Mc 3, 35). A ausência do pai no meio familiar pode ser explicado, biograficamente, pela “suposta” morte prematura de José, e teologicamente pela exclusividade do pai celestial.⁴⁷

Fora de casa, iniciando sua missão itinerante, a partir de Cafarnaum, Jesus e seus colaboradores faziam seu trajeto, indo aos povoados galileus e regiões vizinhas. A sinagoga era um lugar de encontros frequentes com o povo, também as casas, as ruas, as praças e os lugares isolados.⁴⁸ Jesus levava uma vida errante. Por onde passava contava com a hospitalidade das pessoas. Ficou hospedado na casa de Pedro (Mc 1,29-31); entrou na casa de Zaqueu, um publicano (Lc 19,1-10); foi à casa de Simão, o fariseu, onde foi extremamente acolhido por uma pecadora pública (Lc 7,36-50). E ainda, foi muito bem acolhido na casa de Lázaro e suas irmãs Marta e Maria, em Betânia (Jo 11,1-44).⁴⁹

Como pessoa sem casa, para sua manutenção tinha diante de si duas soluções: pedir esmola, como faziam muitos deserdados de seu tempo na Galileia [...] ou ainda, ser mantido por seus amigos, obtendo a hospitalidade temporal desta ou aquela família, em uma palavra, vivendo da solidariedade de pessoas amigas. Esta segunda opção foi a escolhida, [...]: umas mulheres não privadas de meios colocavam a seu serviço e ao de seus seguidores os meios para se sustentarem e a hospedagem em suas casas.⁵⁰

Segundo, Pagola, Jesus evita as grandes cidades da Galileia, como Tiberíades, a nova capital, construída por Antipas, próxima a

⁴⁷ THEISSEN; MERZ, *El Jesús Histórico*, p. 249.

⁴⁸ Cf. VIDAL, *Jesús el Galileo*, p. 155-156.

⁴⁹ Cf. BARBAGLIO, *Jesús Hebreo de Galilea*, p. 374.

⁵⁰ BARBAGLIO, *Jesús Hebreo de Galilea*, p. 375.

Cafarnaum e Séforis, a preciosa cidade da Baixa Galileia, próxima a Nazaré. E quando se aproxima de Tiro e Sidônia ou da Decápolis não entra nelas. Prefere as aldeias nas periferias dessas cidades, onde se encontram os excluídos, como andarilhos e mendigos.⁵¹

Para Pagola, pode ser que Jesus não entrasse nas cidades porque juntamente com o aramaico se falava também grego, uma língua que Jesus não dominava; porém, o autor acredita que há ainda outra razão mais profunda em seu coração:⁵²

Nestas aldeias da Galileia está o povo mais pobre e deserdado, despojado de seu direito a desfrutar da terra dada por Deus; aqui Jesus encontra como em nenhum outro lugar o Israel mais enfermo e maltratado pelos poderosos; é aqui que Israel sofre com mais rigor os efeitos da opressão.⁵³

Nas cidades, vivem os que detêm o poder: dirigentes, grandes latifundiários, arrecadadores de impostos. Eles são opressores e causadores da miséria e da fome. O reino de YHWH só pode ser anunciado com o contato direto com os mais humilhados. A Boa-Nova de YHWH não pode vir do suntuoso palácio de Herodes em Tiberíades, nem das grandiosas vilas de Séforis, muito menos do luxuoso bairro residencial das elites sacerdotais de Jerusalém. A semente do reino só pode encontrar terra boa entre os pobres da Galileia.⁵⁴

A grande novidade trazida por Jesus é que o povo não necessita mais recorrer ao deserto⁵⁵ – que simbolizava essa espera (esperança) por uma intervenção de YHWH na história, para se

⁵¹ Cf. PAGOLA, Jesús, p. 85-86.

⁵² Cf. PAGOLA, Jesús, p. 87.

⁵³ PAGOLA, Jesús, p. 87.

⁵⁴ PAGOLA, Jesús, p. 87.

⁵⁵ VIDAL, Jesús el Galileo, p. 87. O lugar da missão de João havia sido o deserto, às portas da terra prometida, mas ainda fora dela. O âmbito da missão de Jesus, ao contrário, era a terra já habitada por Israel. [...] Jesus não podia prosseguir a atividade batizadora de João, porque o batismo de João era o rito de entrada na terra prometida, já não tinha sentido em uma missão já dentro dessa terra.

preparar para o grande Juízo de YHWH, como se fazia antes, nos tempos de João Batista. Agora, é o próprio Jesus quem vai ao encontro das pessoas, em sua própria terra, para que acolham a salvação, exortando a todas a “entrar” no reino de YHWH que já está acontecendo em suas vidas.⁵⁶ Não é necessário mais esperar, YHWH já se faz presente em meio aos necessitados.

3.4 Conclusão

Com relação ao reino de YHWH, a visão de João e a de Jesus tinham o mesmo caráter: a libertação do povo de Israel, acontecimento único e definitivo com o qual YHWH transformaria a história de Israel, e com isso, a de todos os povos. Isso seria possível quando se confessasse a realeza perene do YHWH criador. Porém, com Jesus, a soberania de YHWH, que até então estava velada e ineficaz na história, afetada pela situação degradante do povo, agora se torna definitivamente plena potência salvífica. Através do evento Cristo, YHWH revela sua autêntica soberania, como criador e salvador.⁵⁷

A diferença de João Batista e Jesus, a respeito do reino de YHWH consiste em que João pregava a conversão do povo, tendo em vista a proximidade do Reino (cf. Mt 3,2). Com Jesus, o Reino já está acontecendo, em movimento, irrompendo a história, é YHWH que já se faz presente e atuante na vida do povo. Para os dois, o agente da construção do Reino é o messias, enviado de YHWH (cf. Mc 1,15).

A figura messiânica revelada por Jesus não era aquela imaginada por João Batista, pois ele não veio para comandar, como se esperava (no judaísmo). Eles aguardavam um governante, poderoso monarca, que viesse pôr fim a todo tipo de dominação e exploração, porém, Jesus não veio para ser servido, mas para

⁵⁶ Cf. PAGOLA, Jesús, p. 86.

⁵⁷ Cf. VIDAL, Los Tres Proyectos de Jesús, p. 157.

servir, nem para castigar, mas para curar e anunciar a Boa-Nova (cf. Mc 10,45). Ele é o Salvador e sua vida deve testemunhar o reino de YHWH⁵⁸

Jesus mostrou, em seu messianismo, um traço que provavelmente, a maioria dos israelitas não esperava, o servo de YHWH, o servo sofredor. O povo de Israel aguardava um messias que viesse ser glorificado. O sofrimento não era algo cogitado. João Batista revela um messias que viria como um juiz implacável, que condenaria e jogaria ao fogo (sinal de purificação) todos aqueles que não produzissem bons frutos. Jesus, porém acolheu aos pecadores, a todos os excluídos, e só depois do rechaço de sua mensagem, ele anunciou também o juízo.

O reinado de YHWH inclui sua ação como juiz, onde a metáfora do rei carrega consigo o exercício judicial. O Juízo pode ser compreendido como a ação formal de julgar (cf. Mt 18,23-35) ou como punição militar (cf. Mt 22,1-14; v.7 em especial). Porém, há que se ressaltar que o juízo exercido e que acompanha a realeza de YHWH é motivado pela autoexclusão daqueles que não se converteram nem cumpriram as condições necessárias para a entrada no Reino.⁵⁹ Jesus, a exemplo do profeta Jonas (cf. Mt 12,39-40), alerta sobre a necessidade de conversão. Há sempre a possibilidade de mudança, o Juízo não é definitivo.

Nos tempos de Jesus não havia rei, e sim a categoria de reinado, que incluía a liberdade política ante a dominação romana, a justiça, a paz frente a discriminação social dos pobres, e a fidelidade a YHWH por parte de quem se convertia. Dando continuidade à mensagem escatológica do Batista, Jesus é o agente messiânico, profeta do reinado iminente de YHWH, veio dar cumprimento ao anúncio de João Batista.⁶⁰

⁵⁸ Cf. MIEN, Jesus, Mestre de Nazaré, p. 146.

⁵⁹ Cf. THEISSEN; MERZ, Jesús Histórico, p. 302.

⁶⁰ Cf. FLORISTÁN, Casiano. Jesús, el Reino y la Iglesia. In: ACOSTA, Juan-José Tamayo. *10 Palabras Clave sobre Jesús de Nazaret*. Navarra: Verbo Divino, 1999, p. 254.

O cunho mais transcendental da concepção de Reino de YHWH, se consolidou nas comunidades cristãs, na tradição apostólica. Para os israelitas e para Jesus, o Reino era algo histórico, social. Os discípulos também pensavam dessa maneira, mas ao aguardarem a vinda do Cristo glorioso, que imaginavam ser algo iminente, e que não ocorreu, começaram alimentar essa dimensão transcendental, de forma mais enfática (cf. 1Pd 3,4; 2Pd 3,8-9).

Jesus, como agente messiânico, empreende sua missão, que teve como impulso a missão de João Batista. Porém, Jesus se tornou autônomo, pois os objetivos também eram diferentes, ao passo que João veio para preparar o caminho do messias, o enviado de YHWH.

O Batista foi aquele que preparou a consciência do povo para a acolhida do messias e do Reino, vivia no deserto, à beira da terra prometida, ao passo que Jesus, é esse messias que já chegou, ele é o próprio reino, já presente, a terra prometida já está habitada. Nisto consiste a diferença entre Jesus e João. O segundo veio para preparar a chegada do primeiro, que é a irrupção de YHWH na história do povo. Cada um desempenha um papel específico para a concretização do reino de YHWH.

A partir dessas reflexões, pode-se dizer que a missão de Jesus foi dependente da missão do Batista, no sentido que uma foi a preparação da outra. As concepções de reino de YHWH se equivalem, com a diferença que João só prepara a sua chegada, enquanto Jesus é o próprio acontecimento.

No que diz respeito à concretização da esperança messiânica judaica (de João Batista), destoou um pouco daquilo que Jesus revelou, visto que era inadmissível, pelo menos para a maioria dos judeus, um messias servo e humilde (cf. Is 42; 61; Lc 4,18-21). Para eles, o messias deveria ser glorificado, exercer seu poder, deveria ser um monarca, da estirpe de Davi.

Jesus, após o aprisionamento de João (cf. Mc 1,14), percebe então que é hora de agir, levar a cabo o que foi iniciado por ele,

mantendo viva a esperança de libertação para o povo de Israel. Pode-se dizer que a missão de um completou a de outro, um foi necessário ao outro, cada qual em sua função, foram colaboradores e responsáveis para o acontecimento do reino de YHWH.

CAPÍTULO 4

INCÓGNITAS NA RELAÇÃO ENTRE JOÃO BATISTA E JESUS

Este último capítulo tem como objetivo expor algumas questões estratificadas pela doutrina cristã, mas que ainda carecem de um embasamento sólido. Com essas elucubrações, tem-se a pretensão, não de dar respostas prontas sobre os assuntos que se seguem, mas deixar luzes e apontar caminhos para algumas argumentações possíveis, com a finalidade de elucidar as possibilidades de interpretação para essas questões, que já parecem fechadas, mas que, atualmente, são latentes em relação a João Batista e a Jesus.

4.1 O batismo recebido por Jesus

No Antigo Oriente, as abluções eram comuns. Eram praticadas na Babilônia, na Pérsia, no Egito e em muitos outros povos. Acreditava-se que a água tinha a capacidade de purificar espiritualmente as pessoas e de lhes transmitir uma nova vida.¹ Porém, João Batista trouxe uma novidade com relação aos ritos de purificação.

Enquanto, nas abluções comuns, cada um lavava-se a si mesmo, no caso de João, era ele quem submergia as pessoas na água. Ele foi o primeiro a fazer isso. Antes, as purificações eram pessoais e individuais, sem a necessidade de um intermediador.²

Jesus é só mais “um indivíduo dentro da multidão que busca o batismo que João oferece aos pecadores. Nesse primeiro momento, é João Batista quem chama a atenção e é protagonista da cena”.³ Jesus aceitou um rito não oficial, um batismo definitivo,

¹ Cf. VALDÉS, Ariel Álvarez. *Enigmas da Vida de João Batista*. São Leopoldo: Sinodal, 2013, p. 39.

² Cf. VALDÉS, *Enigmas da Vida de João Batista*, p. 41.

³ SEGUNDO, *La Historia Perdida y Recuperada de Jesús de Nazaret*, p. 149.

necessário à salvação, ministrado apenas por João Batista.⁴ Antes de ir até o Batista ele era um perfeito desconhecido.⁵

A mensagem religiosa de João Batista deve ter produzido em Jesus uma forte impressão, já que este seguiu o chamado de João, e se fez batizar. Não pode ter sido um simples gesto de condescendência. A mensagem de João sobre a conversão ou batismo de *metánoia* foi para Jesus uma experiência de desvelamento, um acontecimento revelador ou uma experiência decisiva, uma orientação para sua própria vida.⁶

Para iniciarmos a discussão sobre esse tema, temos que esclarecer dois aspectos com relação ao batismo ministrado por João Batista: 1º – ἐγένετο Ἰωάννης [ὁ] βαπτίζων ἐν τῇ ἐρήμῳ καὶ κηρύσσων βάπτισμα μετανοίας εἰς ἄφεσιν ἁμαρτιῶν. – *Apareceu no deserto João batizando e pregando um batismo de arrependimento, para o perdão dos pecados* (Mc 1,4) e 2º – καὶ ἐξεπορεύετο πρὸς αὐτὸν πᾶσα ἡ Ἰουδαία χώρα καὶ οἱ Ἱεροσολυμίται πάντες, καὶ ἐβαπτίζοντο ὑπ’ αὐτοῦ ἐν τῷ Ἰορδάνῃ ποταμῷ ἐξομολογούμενοι τὰς ἁμαρτίας αὐτῶν. – *Toda a população da Judeia e de Jerusalém ia ter com ele; e eram batizados por ele no rio Jordão, confessando os seus pecados* (Mc 1,5). Portanto, receber o batismo de João consistia em ter que reconhecer os pecados e pedir perdão por eles.

Isso é embaraçoso para os cristãos, porque entra em choque e é contrário à doutrina ensinada por eles. Na primeira carta de João aparece: καὶ οἶδατε ὅτι ἐκεῖνος ἐφανερώθη, ἵνα τὰς ἁμαρτίας ἄρῃ, καὶ ἁμαρτία ἐν αὐτῷ οὐκ ἔστιν. – *E bem sabeis que ele se manifestou para tirar os pecados; e nele não há pecado* (I Jo 3,5). Isso quer dizer que: “O tempo atual não é mais o do domínio

⁴ Cf. MEIER, Un Judío Marginal, p. 151.

⁵ Cf. MEIER, Un Judío Marginal, p. 164.

⁶ SCHILLEBEECKX, Jesús, p.105

do pecado, uma vez que Cristo ('ele'), sendo inocente, veio ao mundo para apagar os pecados".⁷

Em Hebreus também está escrito: οὐ γὰρ ἔχομεν ἀρχιερέα μὴ δυνάμενον συμπαθῆσαι ταῖς ἀσθενείαις ἡμῶν, πεπειρασμένον δὲ κατὰ πάντα καθ' ὁμοιότητα χωρὶς ἁμαρτίας. – *Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; porém, um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado* (Hb 4,15).

A carta aos Hebreus tem sumo interesse em colocar às claras a ausência de pecado no sumo sacerdote, que se oferece em sacrifício, por razões parenéticas, em realçar a íntima relação com que Jesus se encontra com relação a nós, fundadas em seu ser humano, tão débil como o nosso. Formular esta afirmação em termos teológicos precisos foi tarefa reservada a uma etapa mais avançada da cristologia, em anos posteriores.⁸

Essas passagens fazem referência a Jesus e dizem respeito ao fato de que os cristãos ensinavam que ele não tinha pecados. Com base nisto, Pagola lança duas perguntas cruciais sobre os problemas em respeito ao batismo recebido por Jesus. “Se havia aceitado ser batizado por João, Jesus era então inferior ao Batista? E mais ainda, se havia ido ao Jordão como todos, confessando os pecados, Jesus era também um pecador?”⁹

Essas não eram questões nada teóricas, pois, possivelmente as comunidades cristãs primitivas conviveram com discípulos do Batista, tendo que lidar com esta questão espinhosa na prática.¹⁰

Há um relato curioso proveniente de um fragmento do *evangelho dos Hebreus* (apócrifo¹¹), de origem judeu-cristã, onde se

⁷ KUSS, Otto; MICHL, Johann. *Carta a los Hebreos Cartas Católicas*. Barcelona: Herder, 1977, p. 627-628.

⁸ KUSS; MICHL, *Carta a los Hebreos Cartas Católicas*, p. 103-104.

⁹ PAGOLA, Jesús, p. 73-74.

¹⁰ Cf. PAGOLA, Jesús, p. 74.

pode perceber uma tentativa de resolver esse incômodo: “A mãe do Senhor e seus irmãos lhe diziam: ‘João batiza para o perdão dos pecados. Vamos para que ele nos batize’. Mas Jesus lhes disse: ‘Que pecado eu cometi para ter que ir ser batizado? Acredito que se falo assim, sei porque o faço.’”¹²

Antes de tentar responder a essas perguntas, se faz necessário alguns esclarecimentos: em primeiro lugar, quando se fala que o batismo de João era para o perdão dos pecados, “na verdade seu batismo não tinha o verdadeiro poder de absolvição. O que João outorgava a quem mergulhasse no Jordão era só uma promessa, uma garantia divina de que seriam perdoados no futuro, quando chegasse o fim dos tempos, que segundo ele estava próximo”.¹³

Isso ele mesmo diz, como pode ser visto no comparativo entre Mt 3,11 e Lc 3,16.

Mt 3,11	Lc 3,16
<p>Ἐγὼ μὲν ὑμᾶς βαπτίζω ἐν ὕδατι εἰς <i>Eu (de um lado) vos batizo com água para</i> μετάνοιαν, ὃ δὲ ὀπίσω μου ἐρχόμενος <i>arrependimento, mas após mim vem</i> ἰσχυρότερός μου ἔστιν, <i>o mais forte que eu</i> οὗ οὐκ εἰμι ἰκανὸς <i>de quem não sou digno</i> τὰ ὑποδήματα βαστάσαι· <i>de levar suas alparcas</i> αὐτὸς ὑμᾶς βαπτίσει ἐν πνεύματι ἁγίῳ <i>Ele vos batizará com Espírito Santo</i> καὶ πυρί· <i>e fogo.</i></p>	<p>ἀπεκρίνατο λέγων πᾶσιν ὁ Ἰωάννης· <i>João respondia a todos:</i> ἐγὼ μὲν ὕδατι βαπτίζω ὑμᾶς· <i>Eu vos batizo com água</i> ἔρχεται δὲ <i>mas está para chegar</i> ὁ ἰσχυρότερός μου, <i>o mais forte que eu,</i> οὗ οὐκ εἰμι ἰκανὸς <i>de quem não sou digno</i> λύσαι τὸν ἱμάντα τῶν ὑποδημάτων αὐτοῦ· <i>de desamarrar-lhe a correia das alparcas</i> αὐτὸς ὑμᾶς βαπτίσει ἐν πνεύματι ἁγίῳ <i>Ele vos batizará com Espírito Santo</i> καὶ πυρί· <i>e fogo.</i></p>

¹¹ HEMELSOET, B. Apócrifos. In: BORN, A. Van Den. *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 93. Apócrifos: (escondido, secreto), escritos judaicos e cristãos que não eram usados no culto público e na teologia. Apresentam-se como se pertencessem ao cânon da SEscr [Sagrada Escritura], pois trazem o nome de algum autor que poderia ser considerado inspirado. Mas o termo a. [apócrifo] já denota certa depreciação: são os livros colocados à parte por não pertencerem ao cânon.

¹² PERROT, Jesús y la Historia, p. 108.

¹³ VALDÉS, Enigmas da Vida de João Batista, p. 43.

O que João fazia então, era prometer aos que fossem batizados por ele, com a chegada do juízo final, que YHWH perdoaria seus pecados e seriam preservados do castigo reservado aos pecadores.¹⁴ “Ao submergir-se no Jordão, recebia, antecipadamente, a certeza do perdão que depois lhe seria concedido pelo ‘mais poderoso’, quando ele viesse para batizar com o Espírito Santo”.¹⁵

Em segundo lugar, quando se fala da confissão dos pecados, o problema é que sempre se remete “aos pecados pessoais, individuais, que cometemos sob nossa própria responsabilidade”, como se o pecado fosse algo íntimo e privado, ligado à consciência particular.¹⁶

Porém, os israelitas entendiam o pecado em sentido coletivo. Confessar os pecados não consistia em reconhecer culpas pessoais, mas, humildemente, sentir-se membro de um povo pecador e enumerar as injustiças do povo ao longo de sua história, propondo ser melhor que seus antepassados.¹⁷ Nesse sentido, pode-se dizer que Jesus se confessou pecador, porque:

Isso implicava que o rito batismal de João conferia da parte de Deus o *perdão dos pecados* ao povo perdido. Era, efetivamente, o “batismo de conversão para o perdão dos pecados” (Mc 1,4), e em sua celebração os batizados tinham que fazer uma confissão dos pecados (Mc 1,5). Em conformidade com a perspectiva social do batismo de João e com a tradição penitencial israelita, essa confissão se referiria aos pecados do povo de Israel, do qual o batizado fazia parte enquanto membro do mesmo. Não temos que imaginá-la, pois, como uma declaração dos pecados individuais de cada batizado.¹⁸

¹⁴ Cf. VALDÉS, Enigmas da Vida de João Batista, p. 43.

¹⁵ VALDÉS, Enigmas da Vida de João Batista, p. 43.

¹⁶ Cf. VALDÉS, Enigmas da Vida de João Batista, p. 44.

¹⁷ Cf. VALDÉS, Enigmas da Vida de João Batista, p. 44.

¹⁸ VIDAL, Jesús el Galileo, p. 44.

O relato do batismo que João administrou a Jesus gerou dificuldades à tradição cristã primitiva; primeiro, pela aparente superioridade de João Batista sobre Jesus, e logo, para o perdão dos pecados inerente à recepção do batismo o que se fazia presumir uma consciência de pecado em Jesus.¹⁹

Justamente por ter gerado essas dificuldades é que se pode considerar que se trata de um episódio verídico²⁰, porque nem mesmo o fato de ser embaraçoso foi suficiente para que o relato fosse retirado dos escritos, pois já se tratava de uma tradição sólida, e cada evangelista lida com esse dado de forma diferente:

a) Marcos: o batismo de Jesus em Marcos é de máxima importância, porque o evangelista não oferece nenhuma informação anterior sobre Jesus. Ele é batizado; contudo, não é oferecido mais nenhum dado sobre as origens do nazareno; o batismo é o ponto de partida para a missão pública de Jesus; ao sair da água, a voz celeste o declara o Filho amado (cf. Mc 1,11), essa é a primeira manifestação messiânica ou cristológica para a comunidade cristã.²¹

b) Mateus: em Mt 3, 13-17, João recusa batizar Jesus; era Jesus o que devia batizá-lo. Mas Jesus se faz batizar “para cumprir toda justiça” (3,15). Deste modo, fica evidente que Jesus assume o batismo como justo, e não como pecador.²² Baseando nessa passagem de Mateus é possível demonstrar quatro motivações para o batismo de Jesus:

1. Cumprir toda a justiça: pelo fato de João ter se recusado a batizar Jesus, o nazareno explicou-lhe que era necessário que toda a justiça fosse cumprida, pois o Messias veio “sob o jugo da Lei” (cf. Gl 4,4),

¹⁹ Cf. THEISSEN; MERZ, El Jesús Histórico, p. 237.

²⁰ Cf. THEISSEN; MERZ, El Jesús Histórico, p. 237.

²¹ Cf. MAZZAROLO, Evangelho de Marcos, p. 47.

²² Cf. THEISSEN; MERZ, El Jesús Histórico, p. 237.

inserido no contexto do ensinamento da justiça de YHWH na Torá. Ele deveria dar exemplo de plena obediência à Lei diante do povo israelita. Um dos títulos de Jesus na proclamação será “o Justo” (At 3,14; 7,52; 22,14; cf. Lc 23,47).²³

2. Identificação com os pecadores: Embora Jesus não necessitasse do arrependimento de pecados (cf. 1Pd 2,24), ele se fez pecado (cf. 2Cor 5,21) para se identificar, solidariamente com a humanidade pecadora. “E aconteceu que, ao ser todo o povo batizado, também o foi Jesus” (cf. Lc 3,21).²⁴

3. Confirmar sua investidura messiânica: O batismo de Jesus marca sua unção e aprovação da parte de YHWH. Como o rito dos sacerdotes no Antigo Testamento (cf. Ex 29,4-7), o batismo aprovou o ministério de Jesus, o Filho predileto de YHWH (cf. Mc 1,11). O fato de ser batizado indica que o batizando está abandonando a vida anterior e entrando numa nova vida. Jesus estava fazendo isso. Mas não estava passando de uma vida de pecados para uma vida na graça, e sim, passando para uma vida de total esvaziamento de sua condição divina (cf. Fl 2,7). Jesus estava iniciando uma nova vida, com a missão de anunciar o reino de YHWH sob o impulso do Espírito Santo (cf. Mc 1,12).²⁵

4. Confirmar o ministério de João Batista: Ao ser batizado por João Batista, Jesus queria conferir ao ministério de João a origem divina (cf. Mt 21,25). Ao ser batizado, Jesus reconhece a autoridade e a missão de seu precursor, João Batista.²⁶

²³ Cf. DONATO, Raimundo. *Reino de Deus e Conversão*: Estudo-Bíblico-Teológico-Pastoral. Montes Claros: Unimontes, 2012, p. 160.

²⁴ Cf. DONATO, Reino de Deus e Conversão, p. 160.

²⁵ Cf. DONATO, Reino de Deus e Conversão, p. 160.

²⁶ Cf. DONATO, Reino de Deus e Conversão, p. 161.

c) Lucas: distancia João Batista de Jesus, pois narra o episódio de um batismo sem um batizador (cf. Lc 3,21-22).²⁷ Na cena do batismo, Lucas apaga João inteiramente; ele está preso quando Jesus é batizado (cf. Lc 3,20). Isso elimina o problema de seu status, representado pela subserviência de Jesus em relação ao Batista, na versão de Marcos (cf. Mc 1,4).²⁸

João: de acordo com Jo 1,29-36 Jesus vai ao encontro do Batista carregado de pecados, porém, não seus. Ele é o Cordeiro de YHWH que suporta os “pecados do mundo” (ou os retira) (cf. Jo 1,29). João não narra o batismo. A missão de João Batista e seu agir devem unicamente identificar Jesus como aquele que batiza com o Espírito.²⁹

Todo o papel do Batista no quarto Evangelho fica resumido em suas últimas palavras citadas diretamente (3,30): “A ele cabe crescer, e a mim diminuir”. [...] Nada disto provém de uma postura de oposição contra o próprio João, que neste Evangelho é elogiado como o primeiro grande testemunho humano de Jesus, mas contra uma exaltação excessiva de João por parte daqueles seguidores que posteriormente recusaram tornarem-se cristãos.³⁰

Desse modo, o que importa no relato do batismo de Jesus não é o ato de ser batizado em si, isso se torna algo secundário, mas o importante é a manifestação divina que ocorre logo após (sinópticos), ou no caso do quarto evangelho, da manifestação divina testemunhada por João Batista. O que é importante é a revelação messiânica manifestada em Jesus.

²⁷ Cf. THEISSEN; MERZ, *El Jesús Histórico*, p. 238.

²⁸ Cf. MURPHY, *John the Baptist*, p. 82.

²⁹ Cf. THEISSEN; MERZ, *El Jesús Histórico*, p. 238.

³⁰ MEIER, *Un Judío Marginal*, p. 162.

4.2 Jesus discípulo de João Batista

A hipótese de Jesus ter sido discípulo de João ainda divide a opinião dos estudiosos. Apresentaremos aqui alguns pontos de vista de autores sobre o tema.

O evangelho de João é tomado como ponto de partida para essa ideia, por isso “convém advertir a ironia de que o único dado, ainda que indireto de que Jesus foi discípulo de João Batista, provém do muito difamado quarto Evangelho”.³¹ Isso ocorre porque os indícios de Jesus como aprendiz na “escola” de João Batista são embasados no evangelho que, normalmente não é muito confiável para a reconstrução do Jesus histórico³².

O cenário que originou essa discussão pode ser “desenhado” da seguinte maneira:

a) atividade batismal de Jesus: Μετὰ ταῦτα ἦλθεν ὁ Ἰησοῦς καὶ οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ εἰς τὴν Ἰουδαίαν γῆν καὶ ἐκεῖ διέτριβεν μετ’ αὐτῶν καὶ ἐβάπτιζεν. – *Depois disto foi Jesus com os seus discípulos para a terra da Judéia; e estava ali com eles, e batizava* (Jo 3,22). O relato começa referindo-se a uma atividade batismal de Jesus no Jordão. De acordo com o texto joanino, Jesus deixou Jerusalém e se dirigiu à Judeia, nas proximidades do rio Jordão. Ali permaneceu por algum tempo com seus discípulos, batizando. Nos evangelhos, esta é a única notícia de uma atividade batismal de Jesus;³³

b) atividade batismal simultânea de João: Ἦν δὲ καὶ ὁ Ἰωάννης βαπτίζων ἐν Αἰνῶν ἐγγὺς τοῦ Σαλείμ, ὅτι ὕδατα πολλὰ ἦν ἐκεῖ, καὶ παρεγίνοντο καὶ ἐβαπτίζοντο. – *Ora, João batizava também em*

³¹ MEIER, Un Judío Marginal, p. 160.

³² Cf. MEIER, Un Judío Marginal, p. 161.

³³ Cf. BLANK, Josef. *El Nuevo Testamento y su Mensaje*: El evangelio según san Juan. Barcelona: Herder, 1984, p. 298. Tomo I.

Enom, junto a Salim, porque havia ali muitas águas; e vinham ali, e eram batizados (Jo 3,23).

c) ciúmes dos discípulos de João Batista: καὶ ἦλθον πρὸς τὸν Ἰωάννην καὶ εἶπαν αὐτῷ· ῥαββί, ὃς ἦν μετὰ σοῦ πέραν τοῦ Ἰορδάνου, ᾧ σὺ μεμαρτύρηκας, ἴδε οὗτος βαπτίζει καὶ πάντες ἔρχονται πρὸς αὐτόν. – *E foram ter com João, e disseram-lhe: Rabi, aquele que estava contigo além do Jordão, do qual tu deste testemunho, ei-lo batizando, e todos vão ter com ele (Jo 3,26).*

d) “correção” do evangelista: -καίτοιγε Ἰησοῦς αὐτὸς οὐκ ἐβάπτισεν ἀλλ’ οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ- (*Ainda que Jesus mesmo não batizava, mas os seus discípulos*) (Jo 4,2).

Meier assume uma postura ponderada. Para ele, de forma ampla, “o simples fato de Jesus ter deixado Nazaré, ter ido à região do Jordão para escutar João e aceitar sua mensagem até o ponto de receber seu batismo significa que, no sentido lato da palavra, se fez seu discípulo”.³⁴ João era um profeta escatológico, e por isso era um mestre e guia espiritual, ensinava a observância de um rito particular como forma de iniciação em uma vida nova. De acordo com Meier, quando Jesus se submeteu à mensagem e ao batismo, ele se tornou aluno do rabí (mestre) João Batista.³⁵

Segundo ele, não se pode precisar se Jesus foi “discípulo”, no sentido estrito da palavra. Não se pode afirmar, com certeza, se Jesus permaneceu no grupo do Batista por algum tempo, se auxiliava João em seu anúncio e batismos, se recebeu dele um ensinamento pormenorizado, se compartilhava a espiritualidade ascética baseada no jejum, oração e também no celibato.³⁶

³⁴ MEIER, Un Judío Marginal, p. 159.

³⁵ Cf. MEIER, Un Judío Marginal, p. 159.

³⁶ Cf. MEIER, Un Judío Marginal, p. 159.

Já Barbaglio diz que o quarto evangelho se mostra diferente dos sinópticos, porque de acordo com o evangelho de João, Jesus ficou na Judeia, batizando e fez muitos discípulos. O quarto evangelho é claro ao mostrar que Jesus e João exercem atividade batismal simultaneamente (cf. Jo 3,22-23).³⁷ Mas o evangelista tenta fazer uma correção em Jo 4,2.

Mas precisamente esta correção de um redator posterior do texto, em vez de desmentir o fato, confirma: era o desconcerto de ver Jesus, colocado no mesmo nível do Batista, unidos em uma mesma ação batismal. Portanto se pode pensar que o quarto Evangelho se refere a uma tradição sólida e independente: também Jesus foi um “batista”.³⁸

Schillebeeckx é mais cauteloso. Prefere não definir o assunto, colocando Jesus “discípulo” de João Batista como uma possibilidade. “O batismo de João não significava por si só, que o neófito [pessoa batizada] devia ser seu discípulo”.³⁹

Não se pode determinar historicamente se Jesus foi “discípulo de João”, enquanto tal, lhe ajudou a batizar ou ao menos exerceu uma atividade batismal ao seu lado, como disse o Evangelho de João (Jo 3,22-36; cf. 4,1-2). É possível que se trate de uma tradição pré joanina, na qual Jesus aparece no princípio como um discípulo do Batista.⁴⁰

Para Schillebeeckx, o que é historicamente provável é que João tinha um círculo de discípulos que o ajudava na atividade batismal (Mc 2,18; Mt 11,1-2; Jo 1,35; 3,22), e que pode se supor que

³⁷ Cf. BARBAGLIO, Jesús Hebreo de Galilea, p. 197.

³⁸ BARBAGLIO, Jesús Hebreo de Galilea, p. 197.

³⁹ SCHILLEBEECKX, Jesús, p. 124.

⁴⁰ SCHILLEBEECKX, Jesús, p. 124-125.

alguns dos primeiros discípulos de Jesus provinham do grupo do Batista.⁴¹

Por outro lado, Gnilka defende que Jesus não foi discípulo de João Batista. Segundo ele, a corrente que defende o discipulado de Jesus parte da afirmação do Batista: “Depois de mim vem um que é mais poderoso que eu’ (Mc 1,7 par). ‘Vir depois de alguém’, é na realidade, expressão de que se é discípulo de alguém. Jesus utiliza uma expressão parecida em Mc 8,34: ‘Se alguém quer vir após mim [...], negue-se a si mesmo’”.⁴²

Porém, para Gnilka, a ideia de posteridade expressa na afirmação de João Batista pode ser entendida também em sentido temporal. Com isso, significaria apenas que o mais poderoso apareceria mais tarde, temporalmente, que o Batista.⁴³

Gnilka ainda ressalta que, para aqueles que defendem que Jesus foi discípulo de João porque também batizou, ele diz que não é claro que Jesus tenha batizado como discípulo do Batista, mas que o nazareno tinha seus próprios discípulos. Portanto, no caso de Jesus ter mesmo batizado, esse batismo não pode ser equiparado com o batismo de João.⁴⁴

Assim, a ideia de Jesus como discípulo de João Batista é bem discutida, não existindo um consenso entre os estudiosos, dado que as informações contidas nos evangelhos são bem controversas, não possibilitando uma definição nem totalmente positiva nem totalmente negativa.

4.3 Parentesco entre João Batista e Jesus

O único versículo que pode-se aludir a um parentesco entre João Batista e Jesus é: καὶ ἰδοὺ Ἐλισάβετ ἡ συγγενὴς σου καὶ αὐτὴ

⁴¹ Cf. SCHILLEBEECKX, Jesús, p. 124.

⁴² GNILKA, Joachim. *Jesús de Nazaret: Mensaje e história*. Barcelona: Herder, 1993, p. 106.

⁴³ Cf. GNILKA, Jesús de Nazaret, p. 106.

⁴⁴ Cf. GNILKA, Jesús de Nazaret, p. 107.

συνείληφεν υἷον ἐν γήρει αὐτῆς καὶ οὗτος μὴν ἕκτος ἐστὶν αὐτῇ τῇ καλουμένῃ στείρα· – *E eis que também Isabel, tua parenta, concebeu um filho em sua velhice; e é este o sexto mês para aquela que era chamada estéril* (Lc 1,36). É através desse relato do parentesco de suas mães que se pode sugerir também o parentesco entre João e Jesus.

Na continuação do relato de Lucas, quando Maria visita Isabel, ocorre o encontro entre o precursor e o messias, onde há o reconhecimento por parte de João Batista (o precursor) da figura de Jesus (o messias), desde o ventre materno, manifestado pela reação da criança no ventre de Isabel quando recebeu a saudação de Maria. καὶ ἐγένετο ὡς ἤκουσεν τὸν ἀσπασμὸν τῆς Μαρίας ἡ Ἑλισάβετ, ἐσκήρτησεν τὸ βρέφος ἐν τῇ κοιλίᾳ αὐτῆς, καὶ ἐπλήσθη πνεύματος ἁγίου ἡ Ἑλισάβετ, – *E aconteceu que, ao ouvir Isabel a saudação de Maria, a criancinha saltou no seu ventre; e Isabel foi cheia do Espírito Santo* (Lc 1,41).

Do nascimento e circunstâncias familiares do Batista fala somente a lenda de Lc 1, que o evangelista põe em paralelo e entrelaça artificialmente com a concepção milagrosa e o nascimento de Jesus. A lenda apresenta João como mensageiro de Deus e precursor do messias desde o ventre materno. Seu valor histórico é escasso, ainda que se tenha especulado minuciosamente, sem provas sólidas, com discípulos do Batista como origem das tradições elaboradas.⁴⁵

Lucas só nos fornece uma narrativa da infância de João, que carrega o peso de estabelecer o status relativo de Jesus e João, na ausência de um encontro direto dos dois homens adultos nesse evangelho.⁴⁶

A afirmação do parentesco entre João Batista e Jesus é genérica, sem a determinação explícita do grau desse parentesco.

⁴⁵ THEISSEN; MERZ, *El Jesús Histórico*, p. 228.

⁴⁶ Cf. MURPHY, *John the Baptist*, p. 81.

Lucas poderia ter utilizado o termo *anepsios* (= “primo”), mas, ao não fazê-lo põe em questão a interpretação popular que considera as duas mulheres como “primas”.⁴⁷ A partir do século XV, se começou a sustentar que Isabel e Maria eram primas.⁴⁸

“Essa indeterminação repercute sobre o presumido parentesco entre João e Jesus, e muito mais se se leva em conta a afirmação do próprio Batista: ‘Eu não lhe conhecia’ (Jo 1,33). Estamos, evidentemente, diante de uma mescla de tradições”.⁴⁹

Com relação a essa declaração do Batista de não conhecer Jesus, Wikenhauser diz que:

João Batista, para justificar sua declaração de que em Jesus se havia feito presente o anunciado personagem maior que ele, se remete a uma revelação que recebeu diretamente de Deus pela ocasião do batismo. Antes deste momento ele não conhecia Jesus. Ao fazer tal afirmação, não pretende negar um conhecimento pessoal dele (segundo Lc 1,36ss, as mães de um e outro estavam ligadas por vínculos de parentesco e amizade), mas somente o conhecimento de sua eleição como Messias. A tal conhecimento chegou por meio de uma revelação de Deus, que lhe confiou o encargo de batizar. Sua atividade batismal tem por objetivo lhe dar a possibilidade de reconhecer Jesus como o Messias esperado e de apresentá-lo a Israel.⁵⁰

No entanto, para Mateos/Barreto, quando João começou sua missão ele não conhecia Jesus; porém, seu batismo, uma proposta de adesão ao messias, tinha por objetivo que este, a quem ele não conhecia se manifestasse a Israel.⁵¹ A origem da missão do Batista era divina (cf. Jo 1,6,33), mas não sabia quem iria levar ao fim a nova aliança que ele anunciava. João esperava por um

⁴⁷ Cf. FITZMYER, El Evangelio Segun Lucas, p. 126-127.

⁴⁸ Cf. SEBASTIANI, Lilia. *Maria e Isabel: Ícone da solidariedade*. São Paulo: Paulinas, 1998, p. 39.

⁴⁹ FITZMYER, El Evangelio Segun Lucas, p. 127.

⁵⁰ WIKENHAUSER, El Evangelio Según San Juan, p. 101-102.

⁵¹ Cf. MATEOS; BARRETO, O Evangelho de São João, p. 93.

libertador designado pelo próprio YHWH, mas ele não conhecia sua identidade.⁵²

Para Mateos/Barreto, diferentemente de Wikenhauser, “embora ao ver Jesus o identifique com o Messias, não houve nem haverá no relato, contato pessoal entre João e Jesus. São duas figuras independentes”⁵³, divergindo do que escreve o evangelista Lucas.

Champlin destaca que a palavra *parenta* que aparece em Lc 1,36 é substituída por *prima* em algumas traduções; porém, seu sentido exato é desconhecido. Para Champlin, há a possibilidade de que isso signifique que João e Jesus tinham alguma relação de parentesco, talvez sendo primos em algum grau. Mas não há nenhuma declaração em outros versículos que forneçam mais indicações sobre a questão; e, a base dos trechos de Lc 7,18-20 e Mt 11,2-3, parece que eles não se conheciam bem mutuamente.⁵⁴

Ratzinger diz que se procurou compreender a caracterização dos dois primeiros capítulos de Lucas a partir de um gênero literário hebraico antigo, o “midrax hagádico”, uma interpretação da sagrada escritura por meio de narrações.⁵⁵

Trata-se de uma interpretação do texto numa perspectiva essencialmente exortativa e edificante para os fieis. A palavra deriva de *dgh* (narrar, contar). Temos a palavra *aggadá* (narrativa). A *aggadá* é um conceito denso que percorre todos os temas da literatura judaica que não é legislativa (jurídica), tais como: crenças fundamentais (acerca de Deus), prêmios e castigos, liberdade do homem, angeologia, profecia, imortalidade, messianismo, ressurreição dos mortos. É uma narrativa de tipo

⁵² Cf. MATEOS; BARRETO, O Evangelho de São João, p. 93.

⁵³ MATEOS; BARRETO, O Evangelho de São João, p. 94.

⁵⁴ Cf. CHAMPLIN, Russell Norman, Ph. D. *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo*. São Paulo: Candeia, 1995, p. 17. (Volume II – Lucas João).

⁵⁵ Cf. RATZINGER, Joseph. *A Infância de Jesus*. São Paulo: Planeta, 2012, p. 22.

homilético que recorre a histórias edificantes, a exemplos mais significativos de tipo parenético.⁵⁶

Outro ponto destacado por Ratzinger diz respeito às fontes utilizadas para se escrever o relato de Lc 1-2: “Quais as fontes? Acertadamente Joachim Gnilka diz se tratar de tradições de família”.⁵⁷ Lucas afirma que não é testemunha ocular das origens desta história, por isso necessita investigar o passado e atestar seu trabalho por meio de testemunhas oculares (cf. Lc 1,2). Há testemunhos humanos vivos, pois o evangelista afirma que as informações que recebeu são autenticados por pessoas que viram, ouviram e deram fé.⁵⁸

Mas Lucas também alude que Maria era uma de suas fontes, de modo particular em Lc 2,51, quando diz: “sua mãe conservava a lembrança de todos esses fatos no seu coração” (cf. também 2,19). Pois só ela poderia referir a eventos particulares, como o da Anunciação, que não contou com testemunhas oculares humanas.⁵⁹

Ratzinger ressalta que a exegese “crítica” moderna deixa entender que considera ingênuas as deduções do gênero. Porém, argumenta: Por que Lucas teria inventado a informação sobre as palavras e os eventos guardados no coração de Maria se não houvesse referência concreta? Por quealaria do “meditar” de Maria sobre as palavras (2,19; cf. 1,29) se não se soubesse algo sobre isso?⁶⁰

Portanto, no que diz respeito ao parentesco entre João Batista e Jesus também há uma grande divergência entre os

⁵⁶ LOURENÇO, João Duarte. *O Mundo Judaico em que Jesus Viveu: Cultura judaica do novo testamento*. Lisboa: Universidade Católica, 2005, p. 91-92.

⁵⁷ RATZINGER, A Infância de Jesus, p. 22.

⁵⁸ Cf. MAZZAROLO, Isidoro. *Lucas: A antropologia da salvação*. 2. ed. Rio de Janeiro: Mazzarolo, 2004.

⁵⁹ Cf. RATZINGER, A Infância de Jesus, p. 22.

⁶⁰ Cf. RATZINGER, A Infância de Jesus, p. 22-23.

estudiosos; uns defendem que sim, outros que não. Porém, nos últimos anos a credibilidade da veracidade da consanguinidade entre as duas figuras está em descrédito, pela ausência histórica de um relacionamento entre o Batista e o Nazareno no evangelho de Lucas.⁶¹

4.4 Conclusão

O batismo de Jesus é importante para a sua revelação a Israel como messias, pois logo após ser batizado no rio Jordão há uma teofania com algumas características comuns entre os evangelhos. Esse episódio tem a finalidade de demonstrar que Jesus era aquele esperado, o “mais forte” anunciado por João Batista.

	Marcos	Mateus	Lucas	João
O céu (s) se abriu (abriram)	1,10	3,16	3,21	
Descida do Espírito Santo	1,10	3,16	3,22	1,32
Voz dos céu (s)	1,11	3,17	3,22	

a) O céu (s) se abre (m) (se rasga [m]): o céu agora está repartido em dois, rasgado, deixando revelar uma realidade maior para além dele. O céu ocultava YHWH, agora aberto, faz conhecer a YHWH.⁶²

b) Descida do Espírito Santo (à semelhança de pomba): a qualidade do Espírito é marcada por sua procedência “do céu”, equivalente a YHWH.⁶³ A descida do Espírito sobre Jesus é sua investidura messiânica. A vinda do Espírito sobre Jesus corresponde aos textos proféticos (Is 11,1-5; Is 42,1; Is 61,1-3).⁶⁴ O evangelista João ainda

⁶¹ Cf. SEBASTIANI, Maria e Isabel, p. 41.

⁶² Cf. MAZZAROLO, Evangelho de Marcos, p. 49.

⁶³ Cf. MATEOS; BARRETO, O Evangelho de São João, p. 94.

⁶⁴ Cf. MATEOS; BARRETO, O Evangelho de São João, p. 95.

ressalta as palavras do Batista que insiste na permanência do Espírito sobre Jesus (cf. Jo 1,32-33), indicando sua importância.⁶⁵ “A provável configuração do Espírito com a figura da pomba pode ser encontrada no fim do Dilúvio (Gn 8,1-12), quando esta sinaliza a terra firme, não retornando para a Arca”.⁶⁶ Quando Jesus sai da água e coloca os pés em terra, aponta simbolicamente para um novo Gênesis, “a abertura de uma re-criação da vida, uma nova forma de re-configurar o universo a partir da justiça divina”.⁶⁷

c) Voz dos céus: o que vem do alto vem com missão divina para que os seres humanos escutem e entendam. É preciso compreender que o tempo de espera terminou. É realidade nova, já presente. Chegou o tempo do reino de YHWH, é o fim da vida oculta do Nazareno.⁶⁸ O fato de Jesus ter sido chamado de Filho amado significa que “o Pai vê a si próprio no Filho, por isso sente estima e alegria”.⁶⁹ Esse comprazer (beneplácito) “é o orgulho que o Pai tem do Filho, ele lhe dá honra, ele o representa com dignidade e fidelidade”.⁷⁰

O batismo de Jesus foi a forma pela qual ele iniciou sua vida pública, e que através da teofania revelou-se a Israel em sua investidura messiânica.

Quando se fala de Jesus como discípulo de João Batista, o motivo pelo qual se relata a figura de um Jesus “batista” aparece no evangelho de João (cf. Jo 3,22), é porque essa imagem já estava entranhada na tradição joanina e era demasiado conhecida, não sendo possível assim eliminá-la. Por isso o confuso redator final,

⁶⁵ Cf. MATEOS; BARRETO, O Evangelho de São João, p. 95.

⁶⁶ MAZZAROLO, Evangelho de São Mateus, p. 59.

⁶⁷ MAZZAROLO, Evangelho de São Mateus, p. 59.

⁶⁸ Cf. MAZZAROLO, Evangelho de Marcos, p. 50.

⁶⁹ MAZZAROLO, Evangelho de Marcos, p. 50.

⁷⁰ MAZZAROLO, Evangelho de Marcos, p. 50

em uma etapa posterior da composição do evangelho julgou ser uma informação perigosa, para deixá-la tal e qual como estava.⁷¹

Então tentou fazer uma correção não muito confiável. O redator tentou eliminar uma incômoda imitação de Jesus com relação ao Batista (cf. Jo 4,2). Porém, é importante ressaltar que ele não se atreveu retirar do evangelho essa tradição anterior, por mais embaraçosa que fosse.⁷²

Com relação ao parentesco entre João Batista e Jesus, a narração está profundamente inspirada no primeiro testamento grego, tanto em sua língua como em seus temas e oráculos. Isso pode ser notado em seus elementos, sobretudo nas duas anunciações (Lc 1,5-25; 26-38) e nos dois salmos (Lc 1,46-55; 68-79). Os arranjos literários nos mostram a finalidade fundamental destes relatos: apresentar o mistério de Jesus e, por conseguinte, a missão de João, por meio de uma série de mensagens sobrenaturais que o anjo formula.⁷³

Se a intenção de Lc 1,41 em colocar a reação de João Batista em se movimentar no ventre de Isabel, como reconhecimento de Jesus como messias, também ainda no ventre de Maria, o evangelista não articulou bem, pois em Lc 7,20 João Batista envia seus discípulos ao nazareno para saberem: *João Batista enviou-nos a perguntar-te: És tu aquele que havia de vir ou esperamos outro?* Isso mostra que não havia esse reconhecimento desde a infância, dando plausibilidade para Jo 1,31-33, onde o Batista disse que não conhecia Jesus.

Essas reflexões levantadas neste último capítulo tem por intenção mostrar que existem pontos da vida e da relação entre essas duas figuras (João e Jesus) que ainda não foram esclarecidos suficientemente. E por mais que a tradição cristã, através de seus escritos, tenha tentado dar respostas sempre favorecendo o grupo

⁷¹ Cf. MEIER, Un Judío Marginal, p. 166.

⁷² Cf. MEIER, Un Judío Marginal, p. 166.

⁷³ Cf. AUGUSTÍN, George. *El Evangelio Segun San Lucas*. 8. ed. Navarra: Verbo Divino, 1987, p. 13.

cristão, com o intuito de eliminar qualquer embaraço ou inferioridade de Jesus, nesses próprios escritos existem brechas, algumas lacunas, que não permitem afirmações tão certeiras sobre o batismo recebido por Jesus, a possibilidade do Nazareno ter sido “aluno” do Batista e o parentesco entre os dois.

CONCLUSÃO

Falar de João Batista não é uma tarefa fácil, pois os dados que temos sobre ele são como peças de um quebra-cabeça incompleto. Para reconstruir a sua figura é preciso juntar os “retalhos”, utilizar trechos de escritos da tradição cristã que acenam para sua pessoa. A dificuldade reside no fato de que, nem durante a sua vida, nem após a sua morte, se tem vestígios de alguma comunidade estruturada em torno de seus ensinamentos. A última notícia de resquícios dos ensinamentos de João Batista que se tem registro, no segundo testamento, se encontra em At 18,24-25.

Para tentar elaborar uma reflexão acerca da figura de João Batista, é necessário, então, pesquisar nas fontes cristãs, que não são isentas de tendências. Há sempre a tentativa de colocar o Batista em segundo plano. Ele só é lembrado em detrimento do ministério de Jesus. João é, para os sinópticos, o precursor (cf. Mc 1,7; Mt 3,11; Lc 3,16), e para o quarto evangelho, aquele que dá testemunho do Nazareno (cf. Jo 1,34; 3,28).

A comunidade cristã tenta se livrar do incômodo causado pelo Batista, porque para os discípulos dele, ele era o messias esperado (cf. Lc 3,15). Porém, é possível perceber que realmente, João Batista não veio anunciar a si próprio, mas “aquele mais forte” (cf. Mc 1,7; Mt 3,11; Lc 3,16; cf. Jo 1,27; At 13,25), o agente messiânico esperado pelo povo israelita. O Batista foi enviado por YHWH para preparar o povo para receber o messias (ungido).

O povo, tomado pelo mal (pecado), deveria então confessar seus pecados e receber o batismo pelas mãos de João Batista, como garantia de salvação, era necessária a “metanoia” (mudança de mentalidade) (cf. Mc 1,4-5), pois a ira de YHWH seria implacável contra aqueles que não se arrependessem (cf. Mt 3,7-10; Lc 3,7-9). Jesus foi um, em meio à multidão, que buscou o batismo, fato seguro, que esbarrou no ensinamento cristão, da ausência de pecados em Jesus (cf. Hb 4,15; 1Jo 3,5).

O batismo administrado por João é algo original e sem precedentes no judaísmo. O profeta da ira iminente seria o responsável por preparar os caminhos do messias. Preparar os caminhos do messias sim, porém esse “mais forte” esperado por João, não pode ser confundido com Jesus.

Apesar do esforço do evangelista Lucas em elaborar a cena do encontro das mãos dos personagens em questão, subordinando a pessoa do Batista a Jesus, desde o ventre materno, quando o primeiro reconhece ser o precursor do segundo, e também a sua messianidade (cf. Lc 1,41).

Isso seria plausível, se mais adiante, o próprio Lucas e os demais sinópticos, não relatassem a dúvida crucial de João com relação à identidade de Jesus (cf. Lc 7,20, Mt 11,3), dando sustentação para a afirmação do Batista, presente no quarto evangelho: “eu não o conhecia” (cf. Jo 1,31.33). O texto deixa transparecer que eles só se conheceram quando já eram adultos.

Em concordância com as palavras de Ariel Álvarez Valdés, pode-se dizer que, “historicamente o Batista não foi precursor de Jesus, nem sua testemunha, nem anunciou sua chegada, nem o apresentou às pessoas como o Messias e Filho de Deus”.¹ Porque “João sempre esperou por outro ‘mais poderoso’, que nunca chegou”² e ele nunca soube exatamente quem era, e morreu ignorando-o. Pode-se dizer que João proclamou a chegada de Jesus como messias, de forma indireta. Não se trata de um relato histórico, mas que contém veracidade.³

A interpretação de João como precursor de Jesus é uma reflexão cristã posterior, porque sempre preocupou os grupos cristãos o fato da missão de Jesus ter ganhado impulso com o batismo recebido através de João, no rio Jordão. Isso implica uma

¹ VALDÉS, Enigmas da Vida de João Batista, p. 68.

² VALDÉS, Enigmas da Vida de João Batista, p. 68.

³ Cf. VALDÉS, Enigmas da Vida de João Batista, p. 69.

possível inferioridade e subordinação exercida em detrimento a Jesus.

Por isso, é importante a narração da teofania ocorrida logo após o batismo (cf. Mc 1,10-11; Mt 3,16-17; Lc 3,21-22; Jo 1,32-33), que tem por finalidade revelar o messias na pessoa de Jesus e decretar a inferioridade de João Batista. Os textos cristãos rebaixam a figura do Batista, cristianizando-a, dando a entender que a missão de João está em função de ser dependente de Jesus: *É necessário que ele cresça e que eu diminua* (Jo 3,30).

Porém, é importante destacar que essa consciência não era tão clara por parte do Batista. Isto é perceptível na pergunta de João Batista: *És tu aquele que havia de vir ou esperamos outro?* (Mt 11,3). Esta pergunta paradoxal coloca, ao mesmo tempo, uma possibilidade e uma dúvida.

É possível perceber certa hesitação do Batista com relação a quem era Jesus, embora desconfiasse que o Nazareno pudesse ser aquele a quem tanto esperava, ao mesmo tempo é uma negação de que João Batista tenha sido, conscientemente, o precursor ou aquele que deu testemunho de Jesus.

Talvez a resposta à essa pergunta intrigante nunca tenha chegado aos ouvidos do Batista. Mas é pertinente para o estudo teológico, enquanto busca lançar luzes para um episódio, ainda que um tanto obscuro na vida daquele que foi o arauto dos tempos messiânicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

AGUSTÍN, San. *Sermones (5º) 273-338*. Sermones sobre los mártires. Madrid: Católica, 1984. Obras Completas XXV.

AUGUSTÍN, George. *El Evangelio Segun San Lucas*. 8. ed. Navarra: Verbo Divino, 1987.

BARBAGLIO, Giuseppe. *Jesús, Hebreo de Galilea*: Investigación histórica. Salamanca: Secretariado Trinitario, 2003.

BARBAGLIO, Giuseppe; FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Evangelhos (I)*. São Paulo: Loyola, 1990.

BÍBLIA: *La Biblia de Estudio*: Dios habla hoy. 3.ed. Brasil: SBU, 1999.

BLANK, Josef. *El Nuevo Testamento y su Mensaje*: El evangelio según san Juan. Barcelona: Herder, 1984. Tomo I.

BONNARD, Pierre-Émile; GRELOT, Pierre. Messie. In: DUFOUR, Xavier Léon. *Vocabulaire de Théologie Biblique*. Paris: Les Éditions du Cerf, 1966, p. 608-614.

BROWN, R. E.. *A Comunidade do Discípulo Amado*. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 1984.

_____. *El Evangelio y las Cartas de Juan*. Bilbao: Desclée de Brouwer, 2010.

BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland A. (eds.). *Nuevo Comentario Bíblico San Jerónimo*: Nuevo testamento y artículos temáticos. Navarra: Verbo Divino, 2004.

_____. *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo*: Novo testamento e artigos sistemáticos. São Paulo: Academia Cristã; Paulus, 2011.

BUSSCHE, Henri Van Den. *Giovanni*: Commento del vangelo spirituale. 2. ed. Assisi: Cittadella, 1971.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 11. ed. São Paulo: Loyola, 2001.

CHAMPLIN, Russell Norman, Ph. D. *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo*. São Paulo: Candeia, 1995. (Volume II – Lucas João).

CROSSAN, John Dominic; REED, Jonathan L.. *Em Busca de Jesus: Debaixo das pedras, atrás dos textos*. São Paulo: Paulinas, 2007.

DEVILLE, Raymond; GRELOT, Pierre. Royaume. In: DUFOUR, Xavier Léon. *Vocabulaire de Théologie Biblique*. Paris: Les Éditions du Cerf, 1966, p. 950-956.

DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1997.

DODD, C.H. *A Interpretação do Quarto Evangelho*. São Paulo: Paulinas, 1977.

DONATO, Raimundo. *Reino de Deus e Conversão: Estudo-Bíblico-Teológico-Pastoral*. Montes Claros: Unimontes, 2012.

DUFOUR, Xavier Léon. *Leitura do Evangelho Segundo João*. São Paulo: Loyola, 1996. Volume I.

DUQUESNE, Jacques. *Jesus: A verdadeira história*. 3. ed. São Paulo: Semente, 2005.

EUSEBIO DI CESAREA. *Storia Ecclesiastica*. Roma: Città Nuova, 2005. Volume I.

FABRIS, Rinaldo. *Jesús de Nazaret: História e interpretación*. Salamanca: Sígueme, 1985.

FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os Evangelhos (II)*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1998.

FITZMYER, Joseph A. *El Evangelio Segun Lucas*. Madrid: Crístandad, 1987. Volume II.

FLÁVIO JOSEFO. *História dos Hebreus: De Abraão à queda de Jerusalém*. 8. ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2004. Obra Completa.

FLORISTÁN, Casiano. Jesús, el Reino y La Iglesia. In: ACOSTA, Juan-José Tamayo. *10 Palabras Clave Sobre Jesús de Nazaret*. Navarra: Verbo Divino, 1999.

FRANCISCO. *Angelus*, 2013. Publicação eletrônica. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy-father/francesco/angelus/2013/documents/papa-francescoangelus-20130623_po.html>. Acesso em 25/08/2013.

GALILEA, Segundo. *El Reino de Dios y la Liberación del Hombre*. Bogotá: Paulinas, 1985.

GESS, J. Oveja. In: COENEN, Lothar; BEYREUTHER, Erich; BIETENHARD, Hans. *Diccionario Teológico del Nuevo Testamento*. Salamanca: Sígueme, 1990, p. 230-232. Volume III.

GNILKA, Joachim. *El Evangelio Segun San Marcos*. 4. ed. Salamanca: Sígueme, 1999. Volume I.

_____. *Jesús de Nazaret: Mensaje e história*. Barcelona: Herder, 1993.

HAMMAN, A. Patrologia-Patrística. In: BERARDINO, Angelo Di. *Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs*. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulus, 2002, p. 1103-1106.

HARRINGTON, Daniel J.. Mateus. In: BERGANT, Dianne, CSA; KARRIS, Robert J., OFM (Organizadores). *Comentário Bíblico*. 5. ed. Loyola: São Paulo, 2010, p. 11-44. Volume III

HEMELSOET, B. Apócrifos. In: BORN, A. Van Den. *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 93-94.

JAUBERT, Annie. *Leitura do Evangelho Segundo João*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 1985.

JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Dominum et Vivificantem*, 1986. Publicação eletrônica. Disponível em: <<http://www.vatican.va/holy-father/john-paul-ii/encyclicals/documents/hfjp-iienc-18051986-dominum-et-vivificantem-po.html>>. Acesso em 18/09/2012.

- _____. *Carta Encíclica Veritatis Splendor*, 1993. Publicação eletrônica. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/encyclicals/documents/hfjp-iienc_06081993_veritatis-splendor_po.html>. Acesso em 13/02/2013.
- _____. *Jubileu dos Catequistas: Homilia do Santo Padre*, 2000. Publicação eletrônica. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/homilies/documents/hfjp-iihom_20001210_jubilcatechists_po.html>. Acesso em 13/02/2013.
- JUAN XXIII. *Segundas Vísperas de lafiesta de San Juan*, 1962. Publicação eletrônica. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/johnxxiii/homilies/documents/hf_j-xxiiihom_19620624_san-giovanni_sp.html>. Acesso em 13/02/2013.
- JUSTINO DE ROMA. *I e II Apologias/Diálogo com Trifão*. São Paulo: Paulus, 1995. Coleção Patristica.
- KUSS, Otto; MICHL, Johann. *Carta a los Hebreos Cartas Católicas*. Barcelona: Herder, 1977.
- L'ESEMPIO di Giovanni Voce della Parola. *L'Osservatore Romano*, Città del Vaticano, 24-25 jun. 2013.
- LINDEN, Philip Van. Marcos. In: BERGANT, Dianne, CSA; KARRIS, Robert J., OFM (Organizadores). *Comentário Bíblico*. 5. ed. Loyola: São Paulo, 2010, p. 45-71. Volume III.
- LOURENÇO, João Duarte. *O Mundo Judaico em que Jesus Viveu: Cultura judaica do novo testamento*. Lisboa: Universidade Católica, 2005.
- LCC. (2010). BibleWorks (Versão 8) [Programa de computador]. Norfolk, Virginia.
- MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. *O Evangelho de São João: Análise linguística e comentário exegético*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1999.
- MAZZAROLO, Isidoro. *Evangelho de João: "Nem aqui, nem em Jerusalém"*. Rio de Janeiro: Mazzarolo, 2000.

- _____. *Evangelho de Marcos: Estar ou não com Jesus*. Rio de Janeiro: Mazzarolo, 2004.
- _____. *Evangelho de Mateus: Ouvistes o que foi dito aos antigos...? Eu porém vos digo! Coisas velhas e coisas novas!* Rio de Janeiro: Mazzarolo, 2005.
- _____. *Lucas: A antropologia da salvação*. 2. ed. Rio de Janeiro: Mazzarolo, 2004.
- MEIER, Jhon P.. *Un Judío Marginal: Nueva visión del Jesús histórico*. Pamplona (Navarra): Verbo Divino, 1999. Tomo II/1.
- MESTERS, Carlos. *Jesus Formando e Formador*. São Leopoldo: CEBI, 2012.
- MIEN, Aleksandr. *Jesus, Mestre de Nazaré: A história que desafiou 2.000 anos*. São Paulo: Cidade Nova, 1998.
- MURPHY, Catherine M.. *John the Baptist: prophet of purity for a new age*. Colleville: Minnessota, 2003.
- NELIS, J. Reino de Deus. In: BORN, A. Van Den. *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 1992, p. 1289-1295.
- OPORTO, Santiago Guirrajo. *Ditos Primitivos de Jesus: Uma introdução ao "Proto-evangelho de ditos Q"*. São Paulo: Loyola, 2006.
- PAGOLA, José Antonio. *Jesús Aproximación Histórica*. Madrid: PPC, 2007.
- PERROT, Charles. *Jesús y la Historia*. Madrid: Cristandad, 1982.
- RATZINGER, Joseph. *A Infância de Jesus*. São Paulo: Planeta, 2012.
- _____. *Jesus de Nazaré: Do batismo no Jordão à transfiguração*. São Paulo: Planeta, 2007.
- SAARINEN, Risto. Magistério. In: LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas; Petrópolis: Vozes, 2004, p. 1073-1075.
- SCHILLEBECKX, Edward. *Jesús: La historia de un viviente*. Madrid: Trotta, 2002.

SCHIMID, Josef. *L'Evangelo Secondo Luca*. Brescia: Morcelliana, 1961. (Il Nuovo Testamento Comentato 3).

_____. *L'Evangelo Secondo Marco*. Brescia: Morcelliana, 1961. (Il Nuovo Testamento Comentato 2).

_____. *L'Evangelo Secondo Matteo*. Brescia: Morcelliana, 1962. (Il Nuovo Testamento Comentato 1).

SCHLOSSER, Jacques. Reino de Deus. In: LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas; Petrópolis: Vozes, 2004, p. 1500-1507.

SCHNACKENBURG, Rudolf. Reino de Deus. In: BAUER, Johannes B. *Dicionário de Teologia Bíblica*. 3.ed. São Paulo: Loyola, 1983, p. 947-964. Volume 2.

SEBASTIANI, Lilia. *Maria e Isabel: Ícone da solidariedade*. São Paulo: Paulinas, 1998.

SEGUNDO, Juan Luis. *La Historia Perdida y Recuperada de Jesús de Nazaret: De los sinópticos a Pablo*. Santander: Sal Terrae, 1991.

SPINETOLI, Ortensio da. *Matteo: Commento al "vangelo della chiesa"*. 2. ed. Cittadella: Assisi, 1973.

THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. *El Jesús Histórico: Manual*. Salamanca: Sígueme, 1999.

TOMÁS DE AQUINO, Santo. *Suma de Teología III*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1990. Parte II/II (a).

VALDÉS, Ariel Álvarez. *Enigmas da Vida de João Batista*. São Leopoldo: Sinodal, 2013.

VERMES, Geza. *Jesús, El Judío*. 2. ed. Barcelona: Muchnik, 1979.

VIDAL, Senén. *Jesús el Galileo*. Santander: Sal Terrae, 2006.

_____. *Los Tres Proyectos de Jesús y el Cristianismo Naciente*. Salamanca: Sígueme, 2003.

VIRGULIN, S. Juan Bautista. In: ROSSANO, P.; RAVASI, G.; GIRLANDA, A. *Nuevo Dicciónário de Teología Bíblica*. Madrid: Paulinas, 1990, p. 932-938.

VV. AA. *Evangelio y Reino de Dios*. Navarra: Verbo Divino, 1995.

WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: Manual de metodologia*. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 1998.

WIKENHAUSER, Alfred. *El Evangelio Según San Juan*. Barcelona: Herder, 1967.